



## ***Cultura nas Capitais***

*Principais conclusões*

O embrião deste estudo surgiu há 15 anos, em 2010, quando a JLeiva Cultura & Esporte realizou a sua primeira pesquisa de hábitos culturais, com foco somente no estado de São Paulo. Na época, ainda fazia sentido incluir perguntas sobre o uso de VHS e o acesso a lan houses.

De lá para cá, o trabalho ganhou foco municipal e incorporou, a cada nova pesquisa, ajustes, correções, algumas experiências e parceiros com quem a equipe da JLeiva teve a oportunidade de discutir o desenvolvimento dos estudos — da

elaboração dos questionários e preparação dos materiais do site à divulgação e discussão dos resultados.

Além dos profissionais que colaboraram comentando temas específicos, dando contribuições para o questionário ou discutindo os caminhos para estudar os hábitos culturais a partir de uma abordagem quantitativa, e que estão listados nos agradecimentos, o núcleo de trabalho central da pesquisa contou com os parceiros e profissionais citados ao lado.

**JLEIVA CULTURA & ESPORTE**

João Leiva Filho  
Carolina Chagas  
Janaína Martins

**PRIMAPAGINA**

Ricardo Meirelles

**DATAFOLHA**

Paulo Luis Gomes Alves  
Selma Britez  
Maria Carolina Morell  
Gonzalez Ferro  
Luciana Chong

**TABARUBA & 17STREET**

Luciana Junqueira  
Bruno Lemgruber  
Marcelo Torrico  
Gabriel Lira  
Maria Eduarda Campos

**AGÊNCIA GALO**

Tales Rocha  
Thiago Rebouças  
Wellington Fernandes  
Laiz Souza  
Mariana Nepomuceno

**PATROCÍNIO**



**REALIZAÇÃO**



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



**APOIO**

PrimaPagina

Datafolha

Tabaruba

AGÊNCIA GALO

## EXPEDIENTE

### Apoiadores

Mais do que fornecedores, algumas empresas acompanharam o trabalho de Cultura nas Capitais em suas diferentes fases, contribuindo de forma decisiva para o seu resultado final:

**Agência Galo; Datafolha; PrimaPagina e Tabaruba**

Para realizar os seminários nas 27 capitais, alguns apoios foram fundamentais:

#### ARACAJU

Tribunal de Contas de Sergipe

#### BELÉM

Sesc Ver-o-Peso

#### BELO HORIZONTE

Sesc Palladium

#### BOA VISTA

Universidade Federal de Roraima/Centro de Ciências Humanas

#### BRASÍLIA

Ipea

#### CAMPO GRANDE

Museu da Imagem e do Som

#### CUIABÁ

Sistema Fiemt

#### CURITIBA

Capela Santa Maria

#### FLORIANÓPOLIS

Museu da Imagem e do Som

#### FORTALEZA

Biblioteca Estadual do Ceará

#### GOIÂNIA

Vila Cultural Cora Coralina

#### NATAL

Sesc Cidade Alta

#### JOÃO PESSOA

Espaço Cultural José Lins do Rego/ Funesc

#### MACAPÁ

Centro de Cultura Negra do Amapá

#### MACEIÓ

Sesc Centro

#### MANAUS

Centro Cultural dos Povos da Amazônia

#### PALMAS

Universidade Estadual do Tocantins (Unitins)

#### PORTO ALEGRE

Casa de Cultura Mário Quintana

#### PORTO VELHO

Fiero - Casa da Indústria

#### RECIFE

Teatro Hermínio Borba Filho

#### RIO DE JANEIRO

Museu do Amanhã

#### RIO BRANCO

Universidade Federal do Acre

#### SALVADOR

Museu de Arte da Bahia

#### SÃO LUÍS

Centro Cultural Vale

#### SÃO PAULO

Itaú Cultural

#### TERESINA

Universidade Federal do Piauí

#### VITÓRIA

Palácio Anchieta

### Agradecimentos

Amanda Mendonça

Andréa Nogueira

Alexandre Barbalho

Alfredo Bertini

Álvaro Santi

Andréa Zílio

Annamaria Marchesini

Ariany Freitas

Bárbara Lustoza

Bruna Magalhães Barbosa

Beth Ponte

Carlos Paiva

Carô Evangelista

Cássio Martins

Chicão Santos

Cris Olivieri

Dalton Martins

Danielle Hoover

Decio Coutinho

Diego Spineli

Daniele Canedo

Edison Bertoncelo

Ednair Nascimento

Eduardo Saron

Eliana Sousa Silva

Ernani Coelho

Euzeni Grimm

Fabiola Morais

Flávia Bezerra

Flávia Furtado

Flavia Rios

Felipe Meirelles

Fernanda Cintra

Frederico Barbosa

Gabriela Araújo

Gabriela Vieira de Campos

Germano Munganga

Giovanni Assis

Gisele Jordão

Heloísa Buarque

de Almeida

Hugo Barreto

Ioná Damiana

Isabela Souza

Izabela Lima

Izabela Nalio

Jacildo Bezerra

Jader Rosa

Jéssika Lima Santos

Joana Martins

Joanna Savaglia

Juliana Lopes

Leandro Knopholz

Lia Calabre

Liége Albuquerque

Luciana Modé

Luciana Palmeira

da Silva Cardoso

Luís Sá

Marcel Fracassi

Marcos Cuzziol

Marfiza Calixto de França

Marlene Treuk

Michelle Lelis

Natália Cunha

Nery Rodrigues

Nivaldo Rodrigues da Silva

Novenil Barros

Patrick Towell

Paula Borges

Poliana Sepúlveda

Raphaella Rodrigues

Ramon Rodney

Regina Novaes

Renata Mora

Samantha Costa

Sandro Cajé

Silmara Costa

Thiagson

Tiago Mali

Veruska Almeida

Yala Souza

## **Apresentação**

### **1. Metodologia**

Tabela 1 Período de coleta em 2024, número de entrevistas, de pontos de coleta e margem de erro

Tabela 2 As atividades pesquisadas, e como elas aparecem identificadas

nos gráficos e nas tabelas deste relatório

As atividades pesquisadas

### **2. Cultura e Escolaridade**

Gráfico 1 Acesso a atividades culturais nas 27 capitais

Gráfico 2 Quanto maior a escolaridade, maior o acesso a cultura

Gráfico 3 Baixa escolaridade aumenta percentual de pessoas que nunca fizeram atividades culturais

### **3. Cultura e Renda**

Gráfico 4 Quanto maior o nível econômico, maior o acesso a cultura

Educação tem mais influência do que renda

Gráfico 5 Morador da classe B com ensino superior em geral tem acesso maior que classe A com ensino médio

### **4. Cultura e Faixa Etária**

Gráfico 6 Mais novos vão mais; idosos são os mais excluídos

Gráfico 7 Com exceção de concertos, percentual de “nunca foi” é maior entre os idosos

### **5. Cultura e Gênero**

Gráfico 8 Mulheres leem mais, homens jogam mais games

Gráfico 9 Mulheres se interessam mais do que os homens por atividades culturais

### **6. Cultura e Cor/Raça**

Gráfico 10 Brancos lideram acesso em sete das 14 atividades

Gráfico 11 Público potencial é menor entre pessoas brancas; amarelas se destacam

O status dos pardos

Indígenas e amarelos

### **7. Cultura e Diferenças Regionais**

Gráfico 12 Capitais do Sul e do Sudeste são as mais escolarizadas...e as que lideram em acesso

Desigualdades internas

Diversidade cultural

Gráfico 13 Espaços mais frequentados evidenciam importância das áreas públicas para a cultura

### **8. Os Desafios da Comunicação**

Gráfico 14 Em todas as regiões, maioria usa redes sociais para se informar sobre cultura

Gráfico 15 Parcela de paulistanos que se informam via redes sociais mais do que dobrou

# Apresentação

A primeira pesquisa de hábitos culturais feita pela JLeiva Cultura & Esporte, em 2010, concentrou-se no estado de São Paulo. Ela trabalhava com três recortes: o estado inteiro, a capital e o interior. Na divulgação, por meio da imprensa e de eventos de apresentação, os dados da capital se mostraram os mais úteis. Os dados estaduais, um pouco menos. E os do interior, menos ainda.

Logo ficou claro por quê. Com poucas exceções (como leitura

de livros), a grande maioria das atividades culturais apresentadas aos entrevistados é realizada localmente: cinema, museu, teatro, show... Assim, números gerais acabavam sendo pouco instrutivos. Uma informação como a de que 31% dos entrevistados do interior paulista costumam ir a shows não significava muita coisa nem para um gestor de Osasco, município vizinho a São Paulo, nem para um de Rosana, que fica a mais de 700 quilômetros da capital.

A partir de então, todas as pesquisas de hábitos culturais feitas pela JLeiva tiveram foco em municípios específicos, como Rio de Janeiro (2013 e **2015**) e **21 municípios paulistas** (2014). Ao mesmo tempo, para conseguir captar melhor a diversidade cultural brasileira, era importante ampliar a distribuição das cidades pesquisadas. Em 2017, o levantamento estendeu-se a **12 capitais**, abrangendo todas as regiões do país. E, em 2024, chegou-se às 26 capitais estaduais e ao Distrito Federal.

Assim, *Cultura nas Capitais* é a primeira pesquisa da JLeiva a alcançar todas as unidades da Federação — uma forma de preservar o foco local das atividades culturais e, ao mesmo tempo, mapear com mais precisão a diversidade e a desigualdade no acesso a tais atividades. O número de entrevistas (19.500, o maior já obtido em levantamentos presenciais desse tipo no Brasil) também permitiu explorar com profundidade vários recortes socioeconômicos.

Os resultados, divulgados no site **[www.culturanascapitais.com.br](http://www.culturanascapitais.com.br)**, possibilitam um avanço na compreensão de diversos temas. Mas os eventos de lançamento da pesquisa, realizados em todas as capitais, enriqueceram ainda mais as discussões. As contribuições dos debatedores convidados e dos agentes públicos e privados que compareceram às apresentações ajudam a interpretar melhor os números e a sofisticar as análises.

Esta publicação costura os dados estatísticos com as conversas organizadas nas 27 capitais. Ela não esgota as interpretações possíveis nem destrincha todos os temas tratados nos questionários. Mas, esperamos, colabora para compreender os principais pontos abordados pela pesquisa.

Boa leitura!

João Leiva e Ricardo Meirelles

# 1. Metodologia

A pesquisa *Cultura nas Capitais* entrevistou presencialmente 19.500 pessoas moradoras de todas as capitais brasileiras — incluindo o Distrito Federal — entre 19 de fevereiro e 22 de maio de 2024. O estudo foi realizado pelo Instituto Datafolha e teve como objetivo captar hábitos culturais de brasileiros de 16 anos ou mais por meio de um questionário estruturado com até 61 perguntas, aplicado em tablets.

## METODOLOGIA

As entrevistas foram feitas em 1.930 pontos de fluxo populacional, contemplando diferentes características sociais e econômicas das áreas urbanas de todas as capitais. A coleta presencial em pontos de fluxo permite chegar a públicos que podem ser difíceis de alcançar por meio de entrevistas domiciliares tradicionais, especialmente em áreas de alta renda e em regiões com desafios socioeconômicos ou de segurança. Essa abordagem também favorece a cobertura de diversidade de perfis sociais no universo pesquisado.

A coleta ocorreu em duas fases: primeiro o sorteio dos pontos de fluxo, semelhante a técnicas amostrais tradicionais; depois a seleção aleatória dos entrevistados nesses pontos, com cotas estabelecidas para garantir representatividade

de sexo e idade, conforme o Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

As entrevistas abrangeram todos os segmentos socioeconômicos, e as respostas foram ponderadas para que as características da amostra refletissem com maior fidelidade a população adulta residente nas capitais. A ponderação considerou variáveis como sexo, idade, cor e escolaridade com base no Censo 2022. O total da amostra foi ponderado pela distribuição da população nas capitais.

A margem de erro total da pesquisa é de 0,70 ponto percentual, com nível de confiança de 95%. Em São Paulo (3 mil entrevistas), a margem de erro é de 2 pontos; no Rio de Janeiro (1.500 entrevistas), 3 pontos. Nas demais capitais, 4.

**TABELA 1**  
**PERÍODO DE COLETA EM 2024, NÚMERO DE ENTREVISTAS, DE PONTOS DE COLETA E MARGEM DE ERRO**

Capital	Período de coleta	Nº de entrevistas	Nº de pontos de coleta	Margem de erro
Aracaju	01/04 a 08/04	600	60	4 pp
Belém	21/02 a 13/03	600	60	4 pp
Belo Horizonte	19/02 a 12/03	600	60	4 pp
Boa Vista	06/03 a 19/03	600	60	4 pp
Brasília	19/02 a 16/03	600	60	4 pp
Campo Grande	02/03 a 15/05	600	60	4 pp
Cuiabá	26/04 a 09/05	600	60	4 pp
Curitiba	19/02 a 14/03	600	60	4 pp
Florianópolis	26/03 a 22/05	600	60	4 pp
Fortaleza	22/02 a 15/04	600	60	4 pp
Goiânia	19/02 a 23/04	600	60	4 pp
João Pessoa	04/03 a 05/04	600	60	4 pp
Macapá	06/03 a 19/03	600	60	4 pp
Maceió	15/04 a 20/04	600	60	4 pp
Manaus	19/02 a 10/05	600	60	4 pp
Natal	01/04 a 05/04	600	60	4 pp
Palmas	15/04 a 14/05	600	40	4 pp
Porto Alegre	19/02 a 27/03	600	60	4 pp
Porto Velho	25/03 a 27/04	600	60	4 pp
Recife	19/02 a 20/03	600	60	4 pp
Rio Branco	19/02 a 17/05	600	60	4 pp
Rio de Janeiro	20/02 a 24/04	1.500	150	3 pp
Salvador	19/02 a 01/03	600	60	4 pp
São Luís	04/03 a 20/03	600	60	4 pp
São Paulo	19/02 a 15/05	3.000	300	2 pp
Teresina	17/04 a 16/05	600	60	4 pp
Vitória	27/03 a 11/04	600	60	4 pp
<b>Total</b>	<b>19/02 a 22/05</b>	<b>19.500</b>	<b>1.930</b>	<b>0,70 pp</b>

**TABELA 2**  
**AS ATIVIDADES PESQUISADAS, E COMO ELAS APARECEM IDENTIFICADAS NOS GRÁFICOS E NAS TABELAS DESTE RELATÓRIO**

Como a atividade foi apresentada aos entrevistados	Como a atividade está identificada
Leu livros	Livros
Jogou jogos eletrônicos em videogames, computador, celular, tablets	Jogos eletrônicos
Foi ao cinema	Cinema
Visitou locais históricos, como monumentos, prédios, bairros, cidades, fortes, fortalezas ou igrejas (sem ser por motivo religioso) etc.	Locais históricos
Foi a shows de música, apresentações musicais	Shows de música
Foi a festas populares, tradicionais ou folclóricas	Festas populares
Foi a museus e exposições de arte ou de caráter histórico	Museus
Foi a bibliotecas	Bibliotecas
Foi ao teatro adulto, infantil, stand up ou musical	Teatro
Foi a espetáculos de dança ou apresentações de dança	Dança
Foi a feiras do livro ou festas literárias	Feiras do livro
Foi ao circo ou a apresentações circenses	Circo
Foi a saraus de poesia, literários ou musicais, slams/batalhas de poesia	Saraus
Foi a concertos de música clássica, erudita ou ópera	Concertos

Com mais entrevistas em São Paulo e no Rio, foi possível desagregar os resultados dessas capitais por região. Na capital paulista, a leitura pode ser feita por cinco regiões (Norte, Sul, Leste, Oeste e Centro); com exceção do Centro, as outras também podem ser subdivididas. No Rio, a leitura pode ser feita por cinco regiões (Centro, Sul+Tijuca, Norte, Barra e Oeste). Com exceção do Centro e da Barra, as outras também podem ser subdivididas<sup>1</sup>.

### As atividades pesquisadas

O coração da pesquisa é a parte inicial do questionário, em que os entrevistados são apresentados a 14 atividades culturais e instados a responder: se foram ou fizeram cada uma delas nos 12 meses anteriores à pesquisa; se foram

ou fizeram, mas não nos 12 meses anteriores à pesquisa, ou se nunca fizeram (*veja na Tabela 2 o modo como as atividades foram descritas às pessoas entrevistadas*).

A adoção desse critério (acesso nos últimos 12 meses) permite comparar as respostas não só com as pesquisas anteriores da JLeiva, mas com outros levantamentos de hábitos culturais realizados ao redor do mundo, pois se trata de um parâmetro amplamente utilizado no setor.

As respostas, porém, não captam a frequência de acesso: quem vai uma vez ao cinema em 12 meses foi contado do mesmo modo que um cinéfilo de carteirinha, por exemplo. Quem lê um único livro está no mesmo grupo de quem devora vários ao longo do ano.

<sup>1</sup> – A subdivisão das regiões e mais detalhes da metodologia podem ser acessados em: <https://culturanascapitais.com.br/metodologia/>

# 2. Cultura e Escolaridade

Os resultados de acesso em *Cultura nas Capitais* são parecidos com os dos levantamentos anteriores da JLeiva. Como nos estudos que realizamos desde 2010, a atividade mais comum, em todas as capitais, é leitura de livros, algo que pode ser feito em qualquer lugar (em casa, no transporte...). Dependendo da cidade, entre 50%

e 70% dos entrevistados dizem ter lido ao menos um livro nos 12 meses anteriores à pesquisa. Jogar jogos eletrônicos vem em seguida em grande parte dos municípios, com percentuais que quase sempre variam entre 40% e um pouco mais de 50%. Cinema — uma atividade com oferta diária e relativamente bem distribuída nas capitais

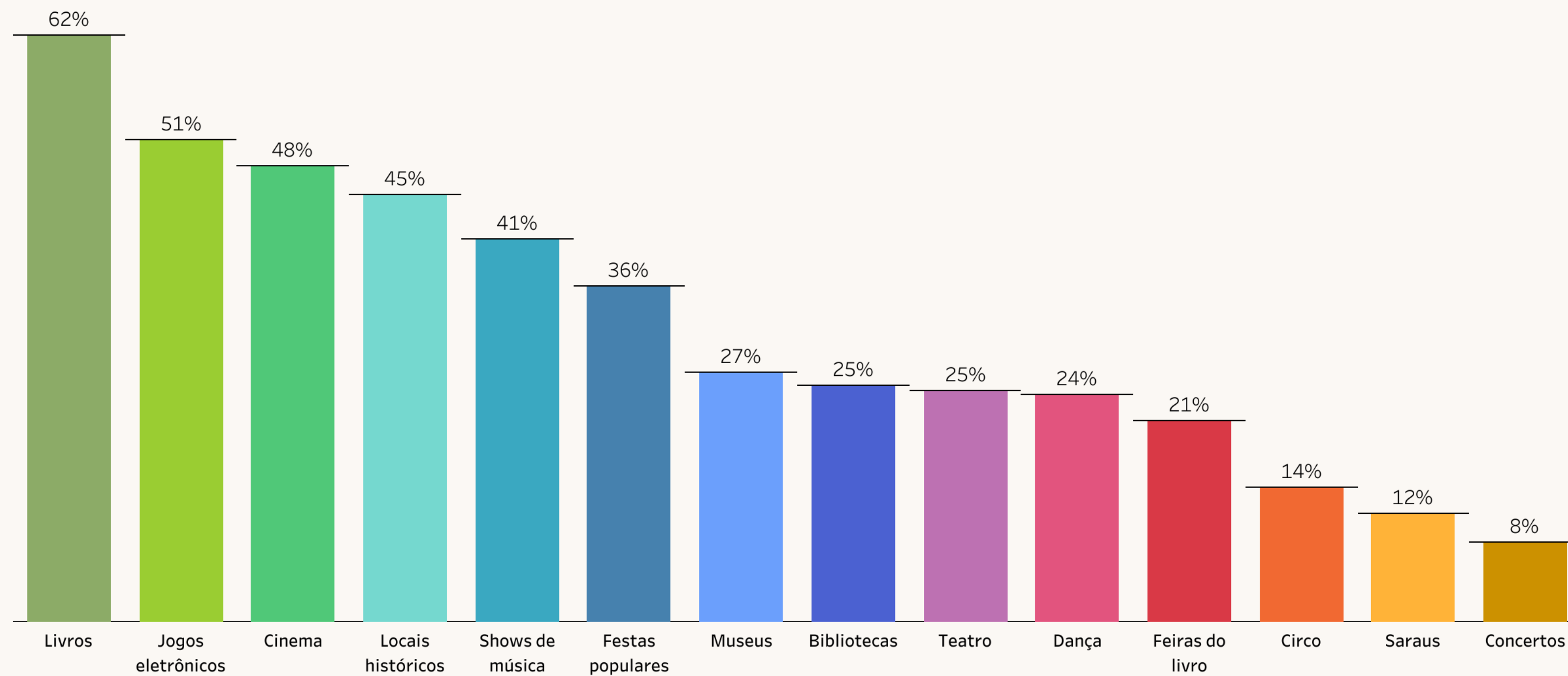
— aparece frequentemente em terceiro, citado por um pouco mais de um terço a um pouco menos da metade dos entrevistados.

Logo depois, costuma vir um bloco formado por visita a locais históricos, shows de música e festas populares, com percentuais em torno de 30% a 40% na maioria dos

municípios. Outro bloco, composto por museu, biblioteca, teatro e dança, aparece com 20% a 30% na maior parte das capitais. Feiras de livro e circo figuram, em geral, com 15% a 20%. E saraus e concertos, em torno de 10%.

# ACESSO A ATIVIDADES CULTURAIS NAS 27 CAPITALIS

Percentual de pessoas que foram a cada atividade cultural nos 12 meses anteriores à pesquisa



Os dados, porém, podem ser vistos com mais profundidade quando recortados por algumas variáveis. Por exemplo: desde as primeiras pesquisas de hábitos culturais, na Europa da década de 1970, sabe-se que o grau de instrução tem grande influência no acesso a atividades artísticas. Os trabalhos da JLeiva com o Datafolha vêm mostrando, repetidamente, que isso também acontece nos municípios brasileiros. *Cultura nas Capitais* confirma a tendência e, ao ampliar o foco para todas as unidades da Federação, demonstra que a baixa escolaridade afeta o acesso nas capitais das cinco regiões do Brasil.

O levantamento aponta que o tempo de estudo influencia o acesso a todas as atividades

pesquisadas — mesmo àquelas consideradas mais populares, como circo ou festas típicas. Sem nenhuma exceção, em todas elas se constata uma espécie de escada de três degraus: quem estudou até o fundamental vai menos do que quem estudou até o ensino médio, que vai menos do que quem tem ensino superior (completo ou incompleto), como fica claro no Gráfico 2.

Em praticamente todos os casos, o acesso entre os entrevistados com faculdade é pelo menos o dobro daqueles com ensino fundamental. A exceção é circo, mas por pequena margem (17% e 9%, respectivamente). Para algumas atividades, a diferença chega a cinco vezes — como em concertos (15% e 3%) e

museus (45% e 9%) — ou quatro vezes, como sarau (17% e 4%), teatro (40% e 9%) e biblioteca (39% e 9%).

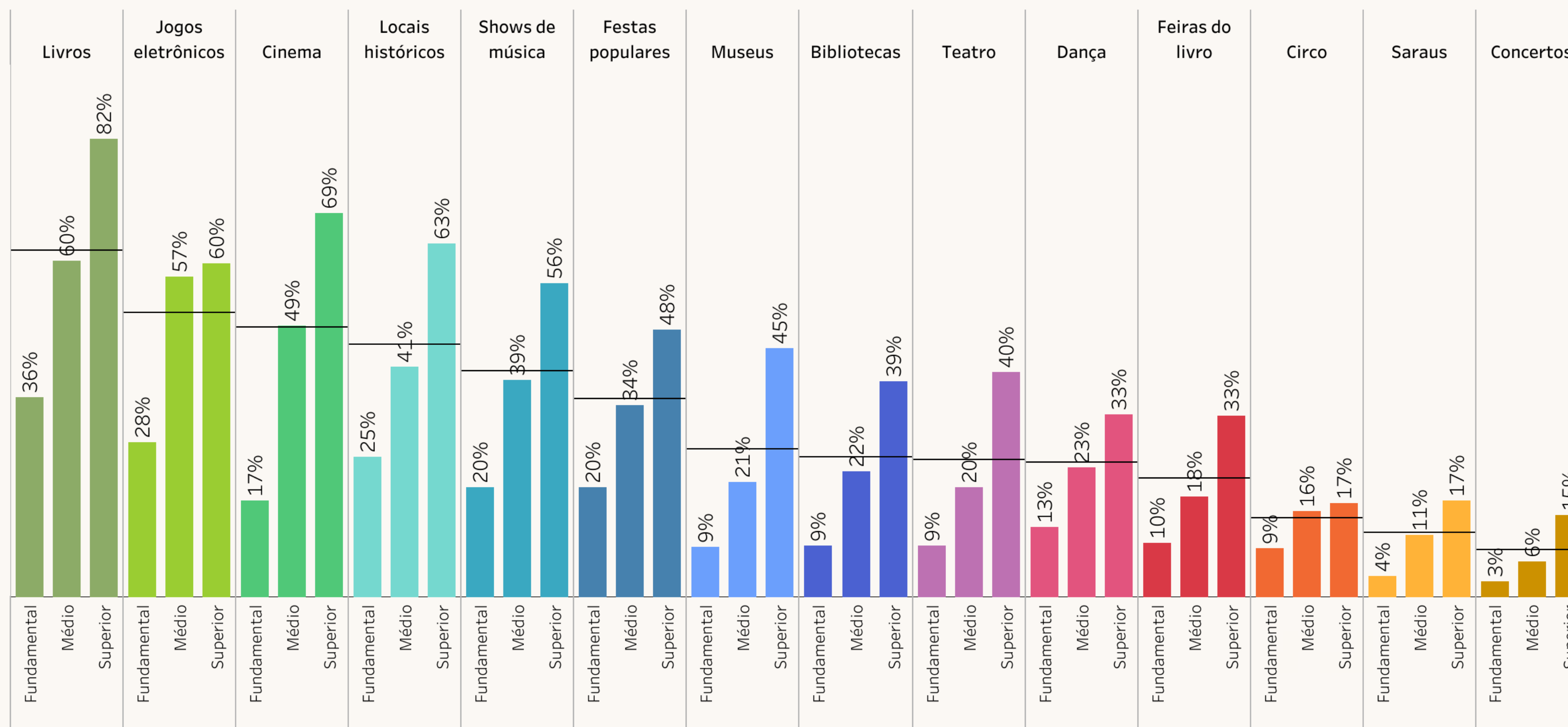
O recorte inverso — o foco em quem nunca teve acesso a determinadas atividades — também evidencia o peso da escola. Nas capitais brasileiras, mais da metade dos moradores com ensino fundamental nunca entrou numa biblioteca (54%), nunca pôs os pés em um museu (63%) nunca viu uma apresentação de dança (62%) nem foi ao teatro (66%). Quase 9 em cada 10 (88%) jamais assistiram a um concerto. Entre os moradores com ensino superior, a exclusão só é maior que 50% em concertos (52%). Nesse grupo, 3% nunca foram ao cinema; entre os de ensino fundamental, 27%.

Vale destacar que as disparidades de escolaridade se refletem em disparidades de acesso em todas as regiões. O “degrau” do fundamental para o médio e do médio para o superior aparece em todas as atividades — sem exceção — nas capitais do Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste e Norte. Mais ainda: excluindo-se circo nas capitais do Sudeste, do Sul e do Nordeste e jogos eletrônicos no Sul, sempre o acesso de quem esteve numa universidade é pelo menos o dobro de quem estudou até o fundamental. Por exemplo: 34% dos moradores com ensino superior das capitais do Centro-Oeste foram ao teatro nos 12 meses anteriores à pesquisa; daqueles que têm até o fundamental, 5%.

# QUANTO MAIOR A ESCOLARIDADE, MAIOR O ACESSO A CULTURA

Percentual de pessoas que foram a cada atividade cultural nos 12 meses anteriores à pesquisa, por faixa de escolaridade

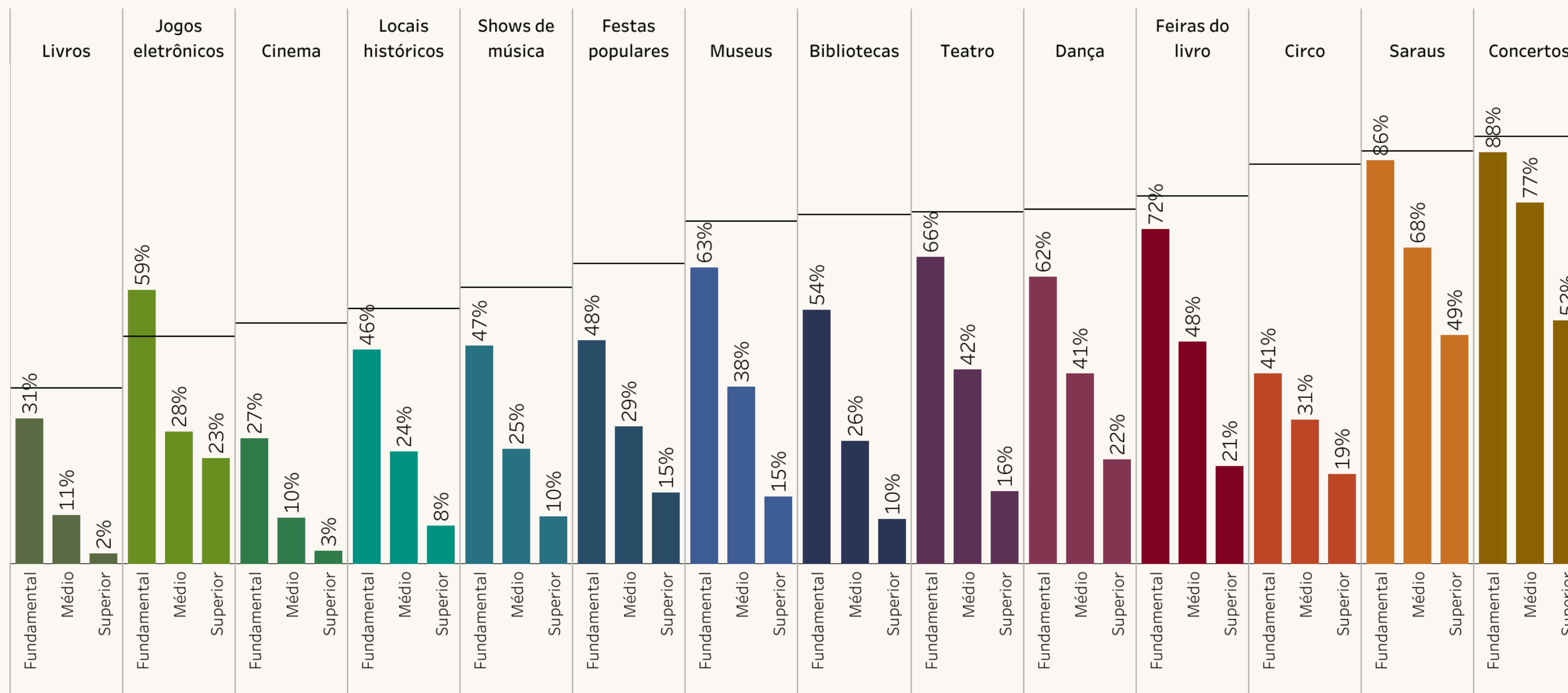
Legenda: — média da atividade



# BAIXA ESCOLARIDADE AUMENTA PERCENTUAL DE PESSOAS QUE NUNCA FIZERAM ATIVIDADES CULTURAIS

Percentual de pessoas que nunca fizeram as atividades citadas, por faixa de escolaridade

Legenda: — média da atividade



Nos debates organizados nas capitais, muitos participantes destacaram a importância de cultura e educação trabalharem de forma mais estreita para estimular o acesso — em todos os níveis. O professor Sylvio Ramires, da Universidade Federal de Roraima (UFRR), enfatizou, por exemplo, que as instituições federais de ensino precisam criar planos de cultura. “É necessário um contato mais próximo com a comunidade: a universidade tem de ser um espaço que tanto alcance o que está fora dela, por meio de várias atividades, quanto que atraia as pessoas para elas”, comentou.

Vários representantes de museus que foram aos eventos de lançamento mencionaram parcerias com instituições públicas de ensino,

sobretudo do ensino fundamental e médio. O Museu Oscar Niemeyer, por exemplo — cuja diretora-presidente, Juliana Vosnika, esteve na mesa de discussões em Curitiba —, recebe visitas de estudantes de diversos municípios, inclusive de fora do Paraná.

“A gente ainda vive um paradigma que precisa ser superado nas políticas públicas: a depender da orientação e da visão do gestor, a gente tem maiores ou menores possibilidades de parceria”, afirmou o secretário-executivo do Ministério da Cultura, Márcio Tavares, no evento de lançamento da pesquisa em São Paulo. “É preciso transitar de políticas de governo para políticas de Estado, materializadas em iniciativas legais.”

Tavares defendeu a inserção de mais conteúdos ligados a cultura nos currículos escolares, em especial no modelo de ensino em tempo integral. “É inescapável que, ao longo da formação escolar, o sujeito em algum momento vá a um museu, a um teatro, vá pesquisar numa biblioteca. E, para muitos, isso se transforma num hábito.”

A presidente da Fundação Cultural de Palmas, Luara Aquino, citou uma parceria entre a área de educação e a de cultura para o Arraial da Capital, um dos eventos mais importantes da capital do Tocantins: alunos de 12 escolas não só conceberam e confeccionaram acessórios e vestimentas para as quadrilhas juninas como se apresentaram. “Foi um trabalho fundamental”, comemorou.

Em geral, os debates de apresentação da pesquisa sublinhavam o papel da escola como um espaço de aquisição de capital cultural. Tanto diretamente, ao se debruçar sobre obras artísticas ou incentivar a prática de pintura, dança e música, quanto indiretamente, ao abordar temas explorados em obras artísticas. Mas alguns observadores citaram outro aspecto: a escola é um lugar de intenso convívio social, onde os alunos trocam informações constantemente — inclusive sobre programação cultural.

# 3. Cultura e Renda

A influência da renda no acesso a atividades culturais tem sido bastante estudada. Há muitas décadas, pesquisas em diversos países, e em vários municípios brasileiros, mostram que renda maior tende a se refletir em acesso maior. Assim como ocorre com o grau de instrução — o que não é de surpreender, sobretudo em nações de desigualdades sociais agudas, como o Brasil, onde mais tempo na escola frequentemente significa maior rendimento.

Neste relatório, abordamos a renda por meio de um indicador parecido, a classificação econômica. *Cultura nas Capitais* adotou o Critério Brasil de Classificação Econômica, que usa o levantamento de características domiciliares (presença e quantidade de alguns itens de conforto e grau de escolaridade do chefe de família) para diferenciar a população em classes: A, B, C ou D/E<sup>2</sup>.

Os seguidos levantamentos da JLeiva com o Datafolha mostram

que, na classificação econômica, há a mesma sequência de degraus detectada na escolaridade. Em todas as 14 atividades pesquisadas em 2024, pessoas da classe D/E têm acesso menor que as da classe C, que têm acesso menor do que as da classe B, que têm acesso menor que as da classe A. Isso vale tanto para atividades que costumam ser pagas (cinema, teatro) quanto para as que geralmente são gratuitas (como festas populares e bibliotecas).

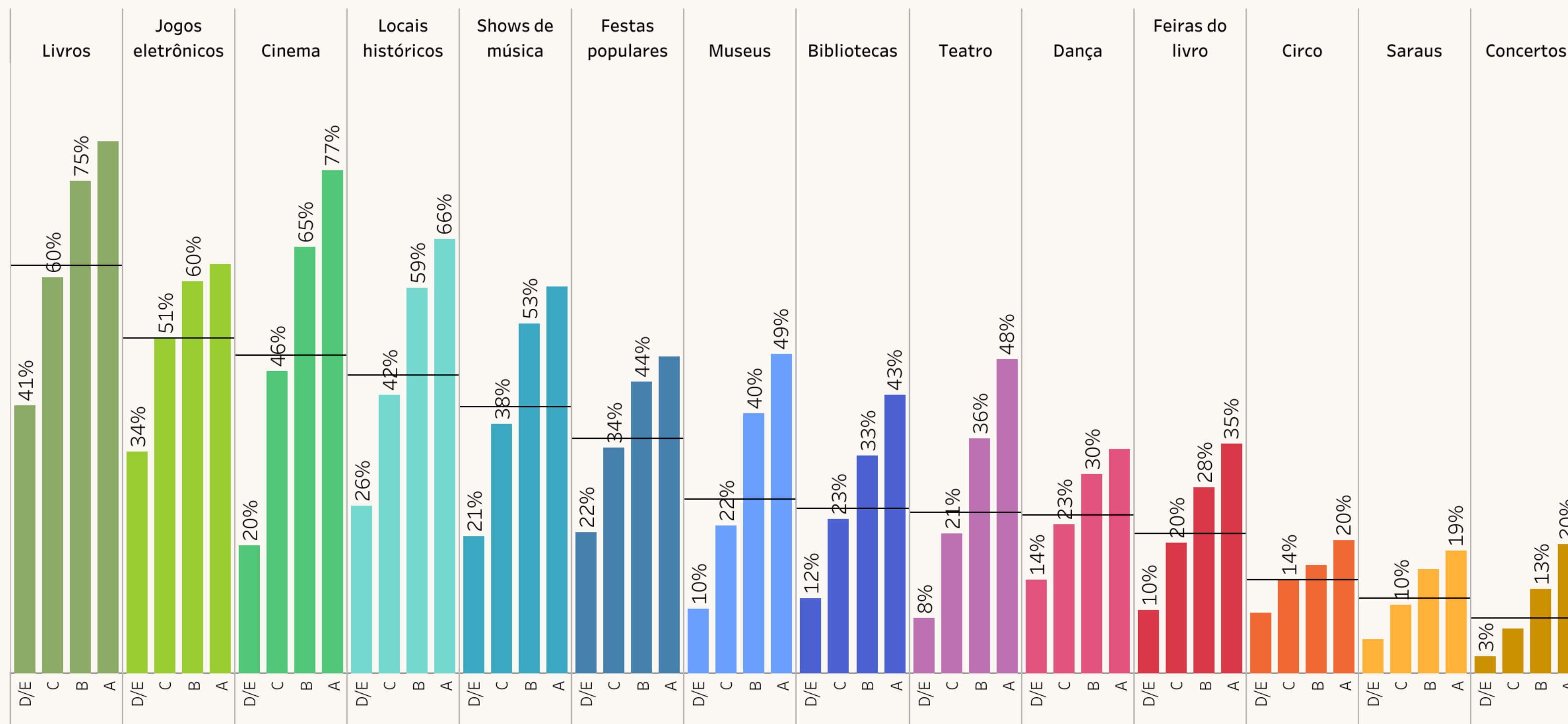
---

<sup>2</sup> - Mais informações sobre o Critério Brasil, da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, podem ser encontradas em: [https://abep.org/wp-content/uploads/2024/09/01\\_cceb\\_2024.pdf](https://abep.org/wp-content/uploads/2024/09/01_cceb_2024.pdf)

# QUANTO MAIOR O NÍVEL ECONÔMICO, MAIOR O ACESSO A CULTURA

Percentual de pessoas que fizeram as atividades citadas nos 12 meses anteriores à pesquisa, por classe econômica

Legenda: — média da atividade



Assim como na comparação de escolaridade, quase sempre os moradores da classe A têm acesso pelo menos duas vezes maior que os da classe D/E — isso só não ocorre em livros (nos 12 meses anteriores à pesquisa, 41% dos entrevistados da classe D/E leram ao menos um livro; na classe A, 81%) e jogos eletrônicos (34% e 62%). Em museus e exposições, uma atividade quase sempre gratuita (dois terços dos entrevistados que foram não pagaram), a diferença é de quase cinco vezes: 10% e 49%, como mostra o Gráfico 4.

Mas por que a renda tem impacto mesmo em atividades gratuitas? Muitas razões foram mencionadas nos debates de *Cultura nas Capitais*. Em grande parte, porque a renda é um dos aspectos do capital cultural — pessoas em posição mais

alta na escala econômica quase sempre também são mais escolarizadas, têm mais familiaridade com espaços como museus e bibliotecas, sentem-se menos amedrontadas pelos prédios imponentes ou pelas regras de conduta implícitas de alguns desses ambientes.

Além disso, as atividades culturais — como tantas outras — incluem um custo “logístico”. “É colocar o pé na rua e já gastar dinheiro, sobretudo se tiver criança junto. Há o custo do transporte e da alimentação, por exemplo”, disse a diretora do Instituto Cultural Vale, Luciana Gondim, no lançamento da pesquisa em São Paulo. Além disso, sublinhou, pessoas de menor renda nem sempre fazem parte de círculos de convivência em que se veiculam informações sobre alguns tipos de atrações culturais

— “ainda que *mainstream*, ainda que perto de onde moram”.

Rendimentos menores tendem também a reduzir o tempo livre — e “falta de tempo” é a razão mais comum para os moradores das capitais não irem a teatro e museus/exposições, duas atividades sobre as quais a pesquisa apresentou perguntas adicionais. “O tempo que estaria livre para a atividade cultural acaba sendo sugado por trabalhos secundários, por bicos”, observou o presidente da Fundação Itaú, Eduardo Saron, também na apresentação em São Paulo.

### **Educação tem mais influência do que renda**

Embora educação e renda sejam fatores muito interligados, as

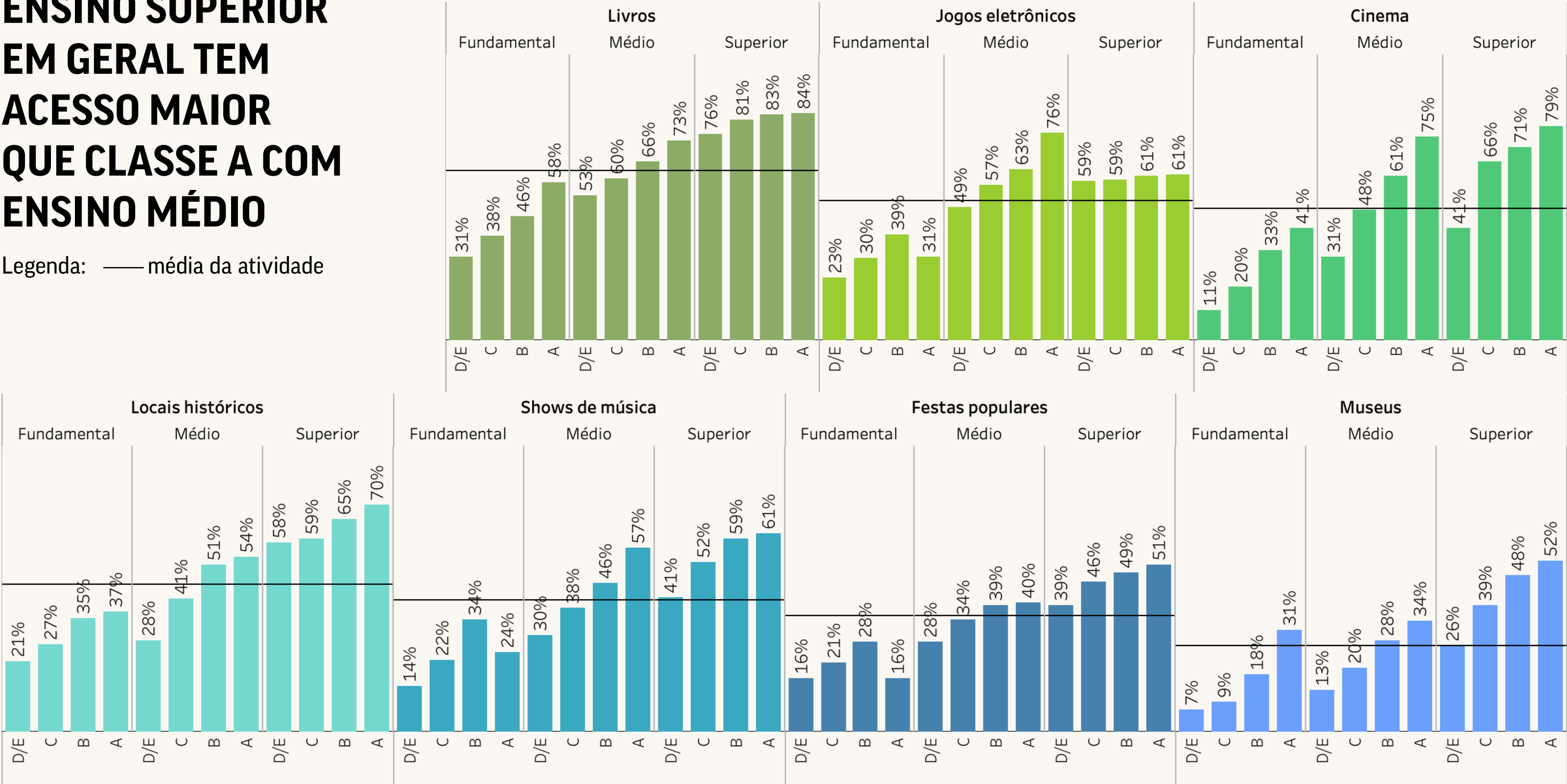
pesquisas da JLeiva têm indicado que a primeira tem peso maior nas atividades culturais do que a segunda. *Cultura nas Capitais* reforça essa conclusão. Com uma amostra maior que a das pesquisas anteriores e com mais amplitude geográfica, o levantamento mostra que, em nove das 14 áreas, pessoas da classe B com ensino superior têm acesso maior que da classe A com ensino médio. Em seis atividades, mesmo pessoas da classe C com ensino superior têm acesso maior do que as da classe A com ensino médio.

“Se a gente pudesse apertar um botão para aumentar o acesso à cultura, esse botão estaria na área de educação”, disse o diretor da JLeiva, João Leiva, em vários eventos de apresentação da pesquisa.

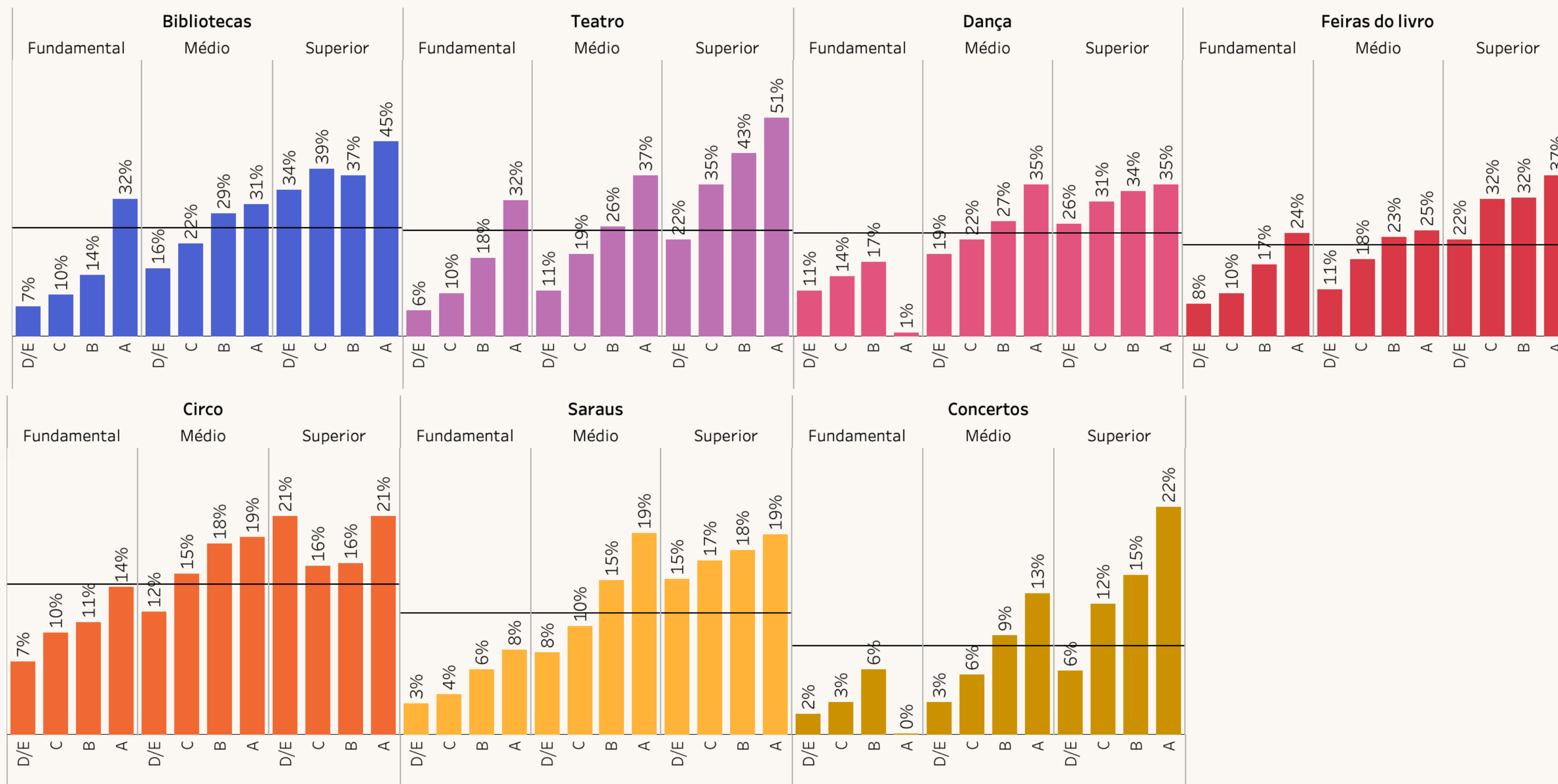
GRÁFICO 5

# MORADOR DA CLASSE B COM ENSINO SUPERIOR EM GERAL TEM ACESSO MAIOR QUE CLASSE A COM ENSINO MÉDIO

Legenda: — média da atividade



Legenda: — média da atividade



# 4. Cultura e Faixa Etária

Os impactos da educação e da renda nas atividades culturais vêm sendo constatados há décadas, como dito nas seções anteriores deste relatório. Mas os trabalhos da JLeiva com o Datafolha apontam um tipo de barreira menos debatido: a etária. As pessoas mais jovens são as que mais aproveitam a programação artística. Os idosos são os mais excluídos.

Essa constatação já havia sido feita na pesquisa de 2014, que abarcou 21 municípios paulistas, e na de 2017, em 12 capitais brasileiras. A amostra maior e mais abrangente de 2024 permite afirmar que, com poucas exceções, os resultados se aplicam às capitais de todas as regiões brasileiras.

Nas 14 atividades apresentadas aos entrevistados, o grupo de maior acesso é sempre ou o de jovens (16 a 24 anos) ou o de jovens adultos (25 a 34). As duas faixas etárias têm acesso parecido a livros, locais históricos, shows, feiras de livro e concertos. Os mais novos ficam à frente em jogos eletrônicos, cinema, museus, bibliotecas, dança e sarau. Os jovens adultos, em festas populares, teatro e circo. Em todos os casos, nas 14 atividades, os percentuais mais baixos são os da população de 60 anos ou mais, como mostra o Gráfico 6. “Nos países de renda mais alta, o acesso começa a cair a partir dos 65, 70 anos. No Brasil, cai muito antes”, comparou João Leiva.

Em várias áreas, o percentual de acesso dos jovens é mais que o dobro do registrado entre idosos — como em jogos eletrônicos (83% entre 16 e 24 anos, 20% entre os de mais de 60), cinema (74% e 26%), shows (53% e 23%), biblioteca (44% e 15%), circo (17% e 8%) e saraus (19% e 7%).

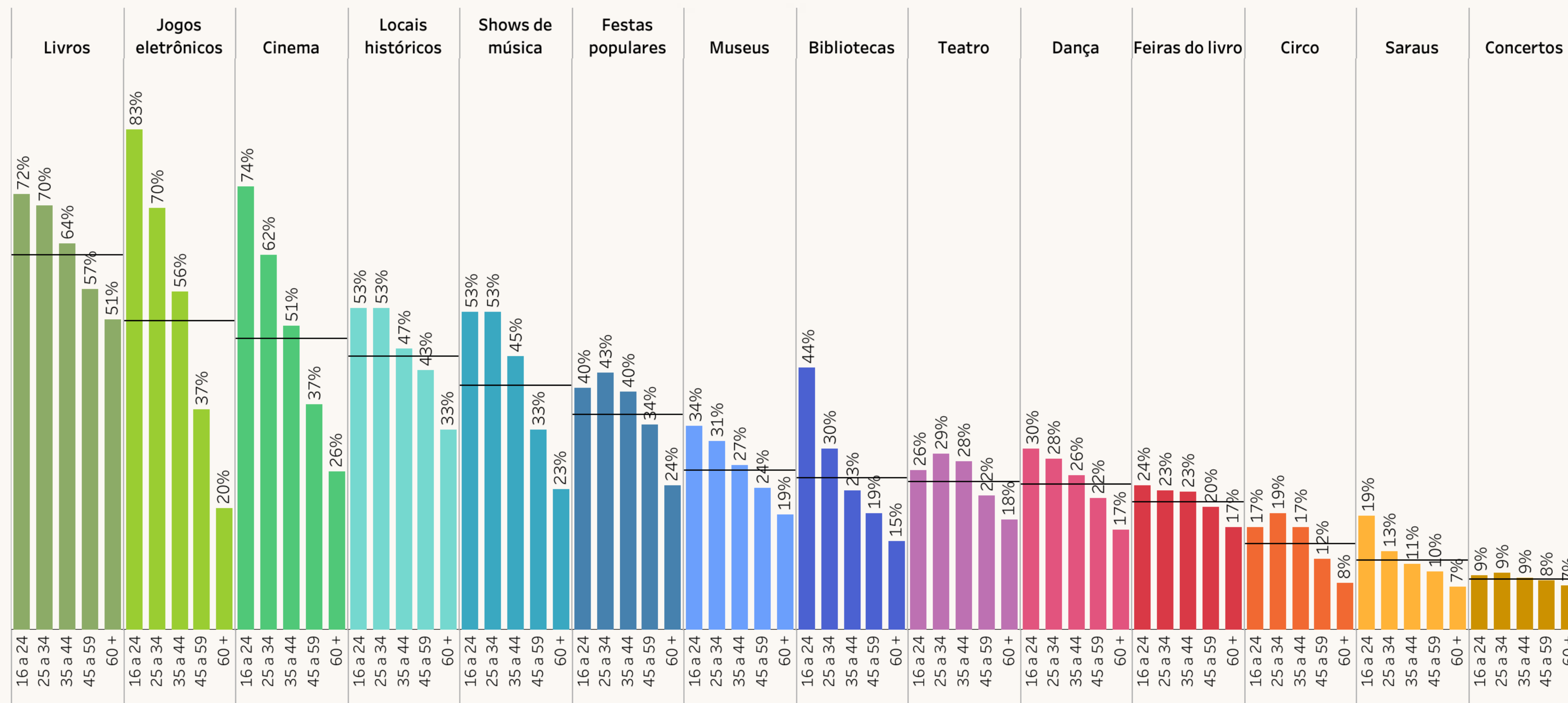
Com pequenas exceções, o cenário se repete na análise por região. Os jovens são quase sempre o primeiro ou segundo grupo de maior acesso e, quando não o são, a diferença está dentro da margem de erro. E os idosos só não estão entre os mais excluídos em concerto, nas capitais do Sul (14%, numericamente acima inclusive das demais faixas etárias nessa região).

Há aí um desafio e tanto. Afinal, boa parte das políticas culturais e de inclusão tem como foco os jovens, justamente a faixa etária que mais tem contato com a produção cultural. Tais políticas são obviamente relevantes, não só em razão de seus importantes efeitos sociais (inclusive de prevenção à violência, pois os jovens são os que mais se envolvem com crimes, seja como vítimas, seja como infratores), mas também porque ajudam a formar o público do futuro. Com frequência, porém, os idosos acabam escanteados.

# MAIS NOVOS VÃO MAIS; IDOSOS SÃO OS MAIS EXCLUÍDOS

Percentual de pessoas que foram às atividades nos 12 meses anteriores à pesquisa, por faixa etária

Legenda: — média da atividade



“Há um problema de oferta. Grande parte da programação cultural é para jovens e jovens adultos”, comentou a diretora-presidente do Instituto Dragão do Mar, Rachel Gadelha, no evento de Fortaleza. Nesse sentido, não parece ser por acaso que a diferença entre jovens e idosos seja tão ampla em cinema — setor que, nos últimos anos, tem dado grande destaque a filmes mais ligados ao universo juvenil, como os de super-heróis. “A gente precisa assumir o conceito de diversidade etária”, defendeu Gadelha. “Se a gente oferecer programação adequada para os idosos, eles vêm.”

O secretário municipal de Cultura do Rio de Janeiro, Lucas Padilha, adotou perspectiva ligeiramente diferente. “Muitas vezes, a gente pensa o público de modo muito segregado: idoso com idoso, jovem com jovem...”, disse ele no evento no Rio. “Mas precisamos pensar numa política intergeracional. Os avós estão lendo com os netos, por exemplo? Na cultura popular o encontro de gerações acontece com

frequência: na escola de samba, nos terreiros...”

A secretária de Cultura de Natal, Iracy Azevedo, frisou a importância de conhecer melhor o público idoso. “A gente tem que descobrir o que essas pessoas querem. Não é o que a gente acha que elas querem. Não dá para impor pensamentos discutidos dentro de uma sala de ar condicionado, achando que o que a dona Maria, que tem 80, quer fazer é ficar sentada no sofá.”

A oferta cultural, porém, não é a única barreira. Também em Fortaleza, o secretário-executivo de Cultura do Ceará, Rafael Felismino, chamou atenção para questões econômicas. “É um público que, com frequência, é arrimo de família — há muitos filhos e netos que dependem da aposentadoria do idoso. Assim, sobra pouco dinheiro para atividades culturais”, ponderou.

“Como o país está envelhecendo, a cultura vai ter que se repensar, sobretudo o cinema: a velocidade do que

acontece na tela, a altura do som...”, pontuou a diretora executiva da Secretaria de Cultura de Campo Grande, Jacqueline Vital. “A sociedade brasileira está envelhecendo, mas não temos uma política de cultura para esse público”, lamentou o diretor-executivo da Fundação Cultural de João Pessoa, Antônio Marcus Alves de Souza. “De maneira geral, nas programações públicas abertas, a presença é majoritariamente da juventude.”

No evento de Porto Alegre — a capital com maior proporção de idosos no Brasil —, o secretário-adjunto de Cultura do Rio Grande do Sul, Fabiam Thomas, apontou um possível déficit de representação nesse grupo. Muitas vezes, os idosos têm menor presença em “espaços de debate que enriquecem a formulação das políticas públicas: os coletivos de cultura, os colegiados, o próprio orçamento participativo... Com participação menor, não ocorre a necessária mobilização para impactar os gestores locais, estaduais, nacionais...”.

Muitos debatedores mencionaram problemas relacionados a transporte público, segurança urbana, comunicação, mobilidade nos espaços culturais (mais bancos em museus, por exemplo) e adaptações nos horários (peças de teatro ou shows que comecem mais cedo). Outro desafio apontado é que, ao contrário dos adolescentes e dos jovens, que são mais facilmente alcançados pelas políticas públicas, por estarem quase todos na escola, os idosos estão mais espalhados. Quase sempre, em suas casas — a pandemia de coronavírus, aliás, ajudou a encasulá-los ainda mais.

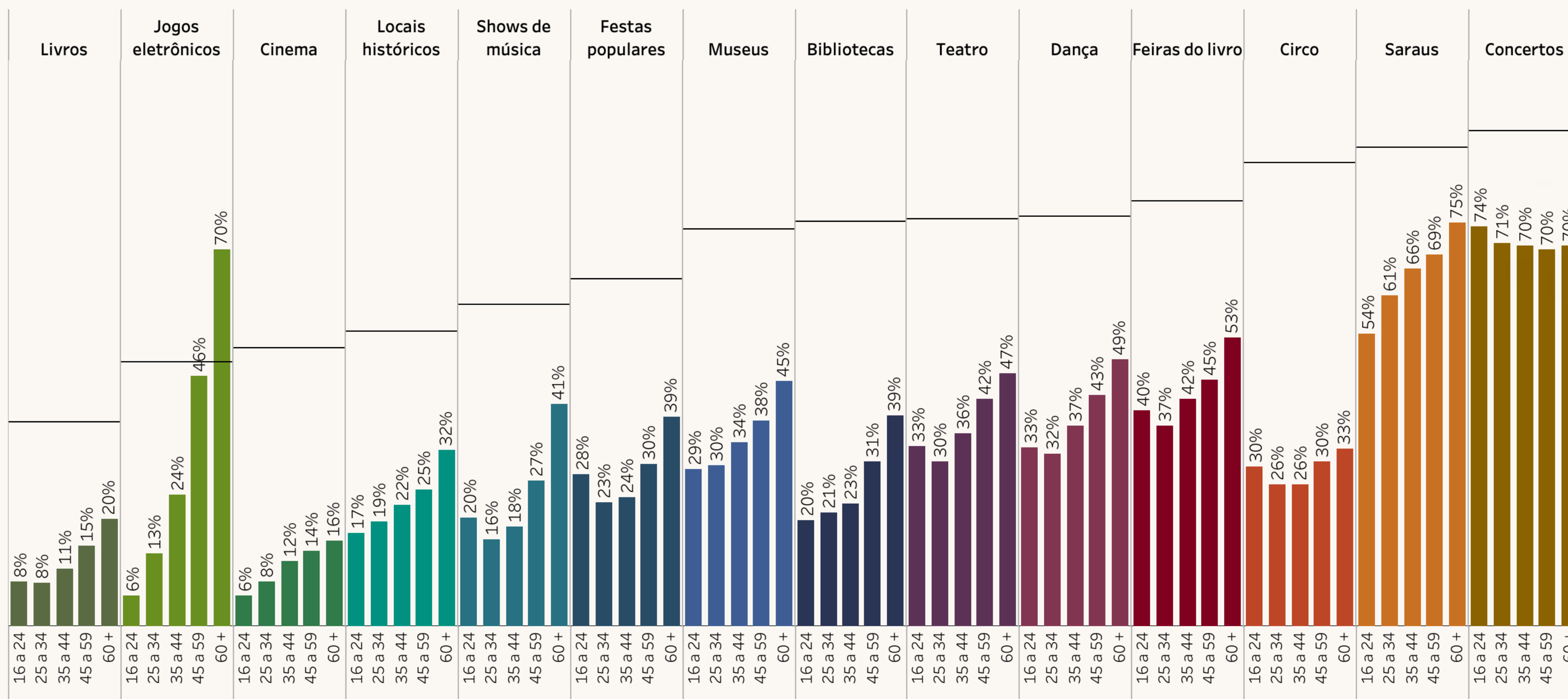
Porém, há sinais de que o desafio é ainda mais difícil — e a cultura, sozinha, não tem capacidade de resolvê-lo. Os resultados de *Cultura nas Capitais* sinalizam que, em muitos casos, a dificuldade maior não está na programação, no transporte ou na segurança pública: não está no fato de o idoso ser idoso. Está no déficit educacional que marcou grande parte da geração de pessoas que hoje têm mais de 60 anos.

A maior parte (40%) dos entrevistados que estudaram até o fundamental é idosa; 71% têm 45 anos ou mais de idade. Quase metade (47%) dos idosos abordados pelo Datafolha tem no máximo o fundamental completo; 14% são analfabetos. Com menor escolaridade, esse grupo teve menos contato com vários tipos de atividades culturais ao longo da vida e menos oportunidades de conseguir trabalhos de melhor rendimento. Não é casual que, com exceção de concertos, as pessoas de 60 ou mais formem o grupo com maiores percentuais de exclusão das atividades culturais: 45% nunca foram a um museu, por exemplo, 47% nunca viram uma peça de teatro, como mostra o Gráfico 7. Ou seja: não é que essas pessoas não vão a atividades artísticas por serem idosas: também não foram quando eram crianças, não foram quando eram adolescentes nem quando eram adultas.

# COM EXCEÇÃO DE CONCERTOS, PERCENTUAL DE “NUNCA FOI” É MAIOR ENTRE OS IDOSOS

Percentual de pessoas que nunca foram às atividades nos 12 meses anteriores à pesquisa, por faixa etária

Legenda: — média da atividade



# 5. Cultura e Gênero

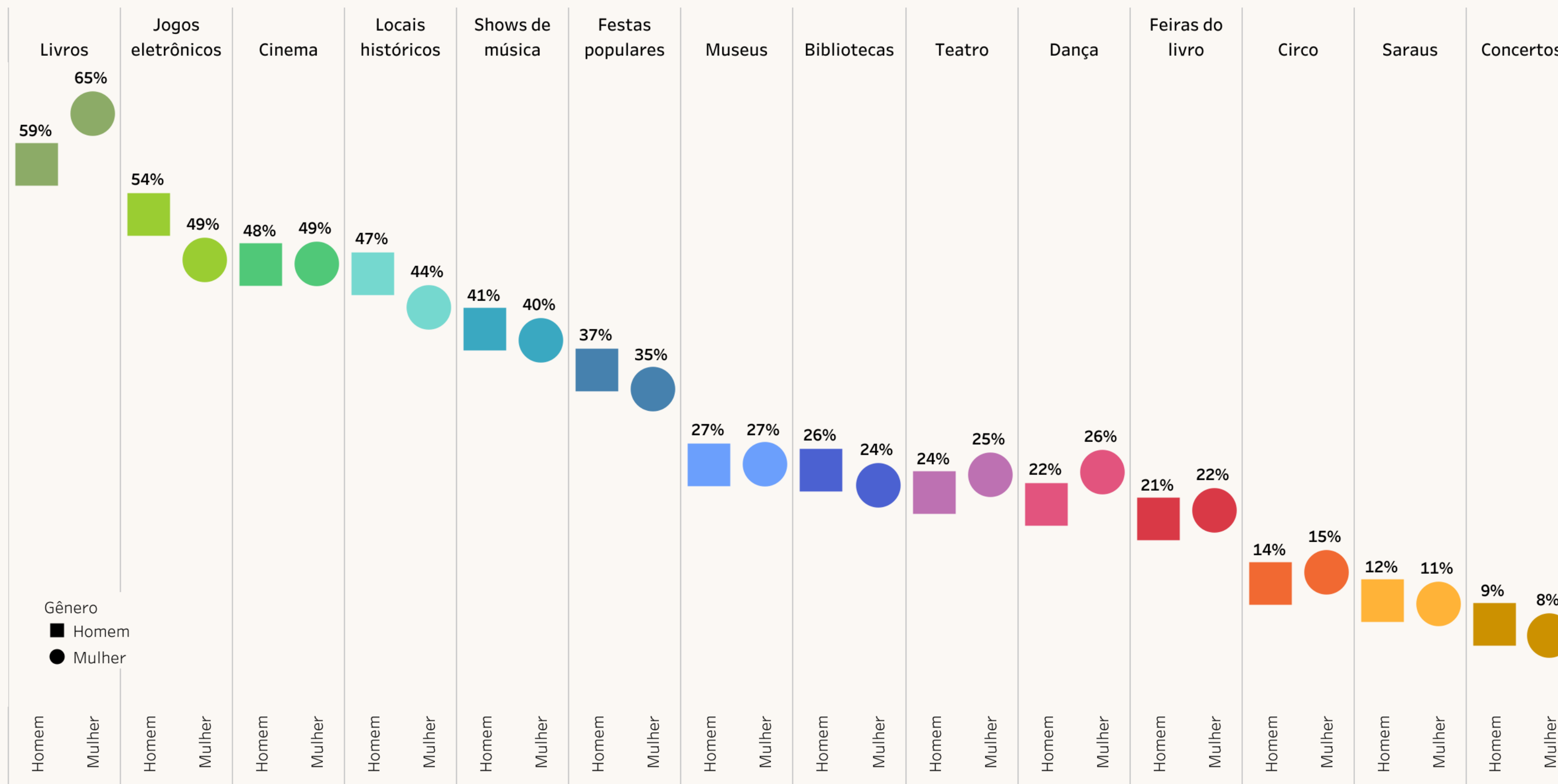
Outra barreira de acesso pouco debatida é a de gênero<sup>3</sup>. Em grande parte porque, numa análise rápida, não parece haver barreiras. **Pesquisas realizadas em países europeus** indicam que as mulheres geralmente acessam mais as atividades culturais do que os homens. Os trabalhos da JLeiva com o Datafolha indicam que os

dois grupos têm acesso muito parecido em vários casos — em *Cultura nas Capitais*, as exceções mais evidentes são dança e leitura de livros (onde predominam as pessoas do sexo feminino) e jogos eletrônicos e locais históricos (onde predominam as pessoas do sexo masculino), como mostra o Gráfico 8.

<sup>3</sup> – O questionário de *Cultura nas Capitais* investigou o gênero por meio de uma pergunta com três alternativas de resposta: homem, mulher e prefiro me autodeclarar. Das 19.500 entrevistas, 163 pessoas optaram por se autodeclarar, das quais 48 (0,28% do total) se classificaram como não binárias, 11 (0,06%) como mulheres trans e 10 (0,05%) como homens trans. O restante se declarou homem/mulher cis, indicou uma orientação sexual ou não respondeu. Como os percentuais são pequenos, a análise de gênero restringiu-se a homens (incluindo quem se declarou homem cis) e mulheres (incluindo quem se declarou mulher cis).

# MULHERES LEEM MAIS, HOMENS JOGAM MAIS GAMES

Porcentagem de pessoas que foram às atividades culturais nos 12 meses anteriores à pesquisa, por sexo



Numa mesa organizada especificamente para discutir o tema, em São Paulo, a pesquisadora Gisele Jordão ressaltou que várias atividades em que as mulheres têm acesso menor que o dos homens envolvem aglomeração, como visita a locais históricos e festas populares. “Nós, mulheres, sabemos o quanto ir a locais com aglomerações pode ser hostil para nós”, declarou.

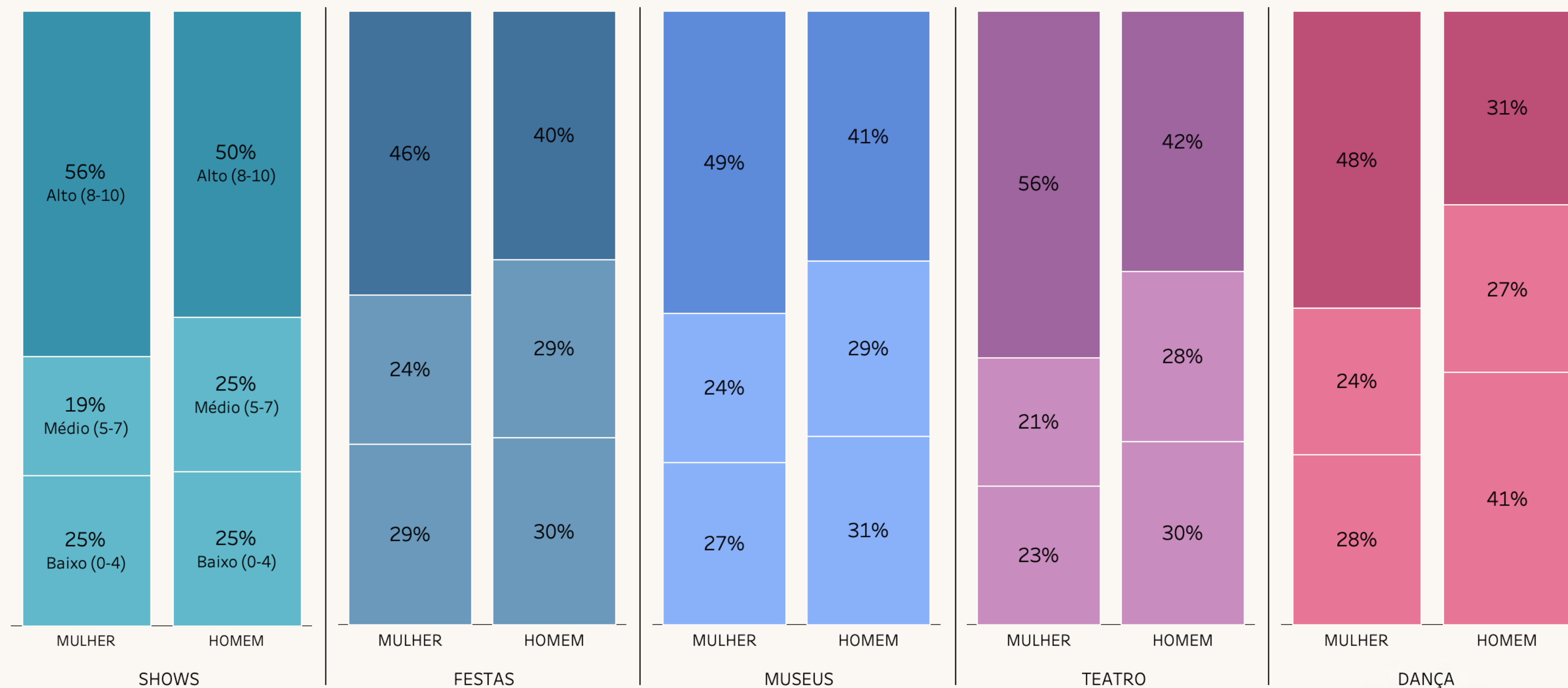
O cenário de aparente equidade turva-se quando se mergulha nos dados de interesse. Para cinco das 14 atividades estudadas em 2024, os entrevistados também indicaram qual é, numa escala de 0 a 10, seu interesse em fazê-las: ir a shows de música e apresentações musicais, a festas populares, tradicionais ou folclóricas, a museus e exposições, a teatro adulto, infantil, stand-up ou musical e a apresentações ou espetáculos de dança.

Nas cinco atividades, as mulheres manifestam interesse maior que o dos homens, como mostra o Gráfico 9. “A cultura é o espaço de socialização das mulheres, e o esporte ainda é o dos homens”, resumiu a pesquisadora Ana Flávia Machado, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), uma das debatedoras da apresentação feita em Belo Horizonte. “As mulheres se interessam mais que os homens por terem um viés de apreciação estética mais liberado que o dos homens. É menos do que antes, mas ainda existe a ideia de que gostar de arte é ‘coisa de mulher’”, disse a gerente-adjunta do Sesc 24 de Maio, Ioná Damiana, no debate de São Paulo. “Começa muitas vezes na infância: o menino vai fazer luta, a menina vai para a dança”, reforçou a economista Lorena Hakak, da Fundação Getúlio Vargas, no mesmo evento.

Porém, se o interesse é maior que o dos homens e o acesso é parecido, elas têm mais dificuldade em transformar seu desejo em frequência efetiva. A razão principal possivelmente é a sobrecarga de trabalho que recai sobre o sexo feminino. “O mundo é cruel com as mulheres. Num casal com filho, quem fica em casa? As mulheres. E quem cuida dos velhos? As mulheres. É dupla, tripla, quádrupla jornada”, lamentou a presidente da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), Bia Cagliani, no lançamento da pesquisa em João Pessoa. “Com as mulheres negras, de periferia, piora ainda mais. Elas trabalham fora, cuidam do filho dos outros, mas não cuidam do seu.”

# MULHERES SE INTERESSAM MAIS DO QUE OS HOMENS POR ATIVIDADES CULTURAIS

Percentual de pessoas que deram nota alta (8-10), média (5-7) ou baixa (0-4) para seu interesse em algumas atividades



A própria pesquisa oferece pistas de que a sobrecarga é determinante. Na maioria das atividades, as mulheres têm acesso maior que o dos homens em várias faixas etárias — mas não entre 25 e 44 anos. “É exatamente a faixa em que as mulheres têm filhos”, observou Lorena Hakak. “A mesma penalização pela maternidade no mercado de trabalho observa-se também na cultura.” Algumas perguntas do questionário evidenciam essa tendência: tanto homens quanto mulheres com filho pequeno (até 12 anos) vão menos a atividades culturais do que quem não tem filho — mas a queda é maior entre as mulheres. Algumas debatedoras observaram que, por vezes, os próprios espaços culturais não colaboram: não têm trocadores, impõem restrições à movimentação de crianças.

Grupos focais organizados em 2018 pela JLeiva sugerem que, ao menos em alguns bairros de baixa renda do Rio de Janeiro, é comum que as mulheres tenham com quem deixar os filhos — há, nas comunidades, uma rede de apoio formada por mães, sogras, irmãs... Mas nem sempre elas veem como adequado fazer isso para ir a uma atividade cultural. “Para outras coisas, as mulheres talvez até tenham liberdade de pedir [para alguém ficar com os filhos]. Mas, para atividades culturais, há até uma inibição de propor”, comentou a pesquisadora Zaneir Teixeira, da Universidade de Fortaleza (Unifor), no debate na capital cearense.

Regionalmente, as dinâmicas são um pouco diferentes. Nas capitais do Sul e do Sudeste, as diferenças entre homens e mulheres

costumam ser menores. No Nordeste, maiores. “A gente vem de um patriarcado aparentemente mais ferrenho que o de outros locais”, afirmou Bia Cagliani. Ela, que é da área de dança, disse que não é raro mulheres abandonarem aulas depois de se casarem, por exemplo.

Em alguns eventos, foram levantadas mais hipóteses que colaborariam para frear o acesso das mulheres. Uma delas, segurança pública — “é mais perigoso para a mulher sair de noite”, observou Cagliani. Há ainda efeitos relacionados à programação. “Mulheres mais velhas, mulheres de formas diferentes, ainda não se veem representadas. A gente ainda tem uma ditadura estética muito complicada, sobretudo na percepção de mulheres de classe econômica mais alta”, comentou Gisele Jordão.

# 6. Cultura e Cor/Raça

As seções anteriores deste relatório evidenciaram que escolaridade e classe social são fatores críticos para o acesso a atividades culturais: quanto maior a classificação econômica e quanto mais anos de estudo, maior o acesso. Se, no Brasil, as **pessoas brancas têm renda maior que as pretas e pardas** (em nível nacional, a diferença média é de mais de 80%), seria de esperar que os brancos frequentassem mais as atrações culturais. Na prática, porém, os resultados são um pouco menos conclusivos.

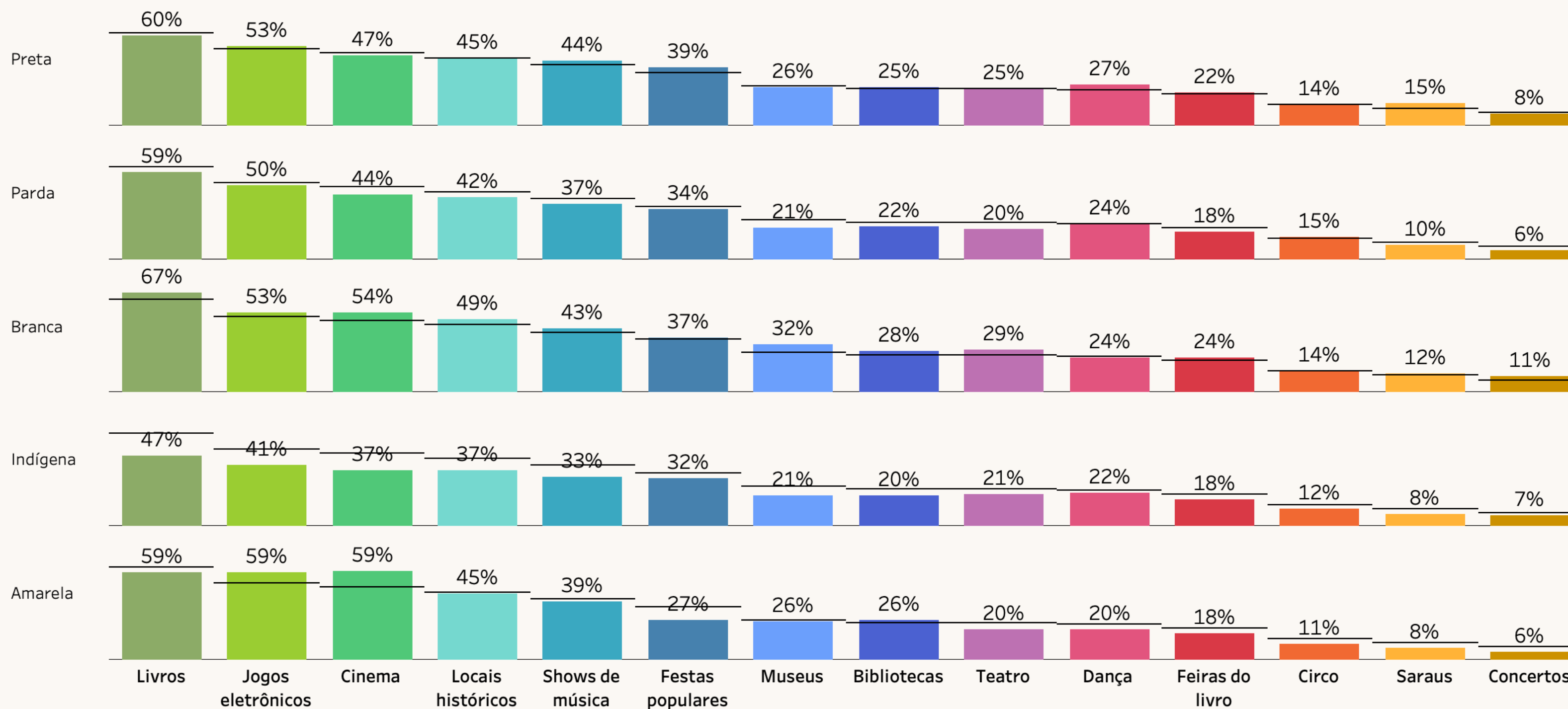
Das 14 modalidades pesquisadas, os brancos superaram os demais grupos em sete: leitura de livros, visita a locais históricos, ida a museus, a bibliotecas, a teatro, a

festas literárias e a concertos de música clássica — categorias que, de modo talvez simplista, podem ser classificadas como de origem predominantemente europeia. Em jogos eletrônicos e cinema, o destaque são as pessoas de cor/raça amarela. Em shows de música, os pretos estão numericamente acima dos brancos (44% e 43%, respectivamente), assim como em festas populares (39% e 37%) e, com distância mais expressiva, em apresentações de dança (27% e 24%, mesmo percentual dos pardos) e saraus (15% e 12%). Os pardos estão numericamente à frente em circo (15%), mas muito próximos de brancos e pretos (14%). Indígenas não lideraram em nenhum dos segmentos pesquisados.

# BRANCOS LIDERAM ACESSO EM SETE DAS 14 ATIVIDADES

Porcentagem de pessoas que foram às atividades culturais nos 12 meses anteriores à pesquisa, por cor/raça

Legenda: — média da atividade



Por que, mesmo com renda e escolaridade menores, os pardos e pretos (estes, particularmente) algumas vezes têm acesso semelhante ou maior que o dos brancos? “A arte é o lugar em que a pessoa não está numa posição subalternizada, um lugar em que a pessoa existe de maneira mais plena, não onde abaixa a cabeça. O consumo de arte dessa população preta, parda, tem a ver com isso”, afirmou o pesquisador e influenciador Thiago de Souza, o Thiagson, em sua participação no seminário específico para discutir as questões de cor e raça, em São Paulo. “É no rap que a população preta aparece com autoestima, e não numa posição subalternizada, como o personagem escravizado na novela”, exemplificou, ao comentar as altas taxas de pretos que vão a shows de música.

No seminário de Salvador, o subsecretário de Cultura, Walter Pinto Junior, também enfatizou a participação dos negros em batalhas de

rima (que, na pesquisa, estão na mesma pergunta de sarau) e shows. “Na periferia, há muitas linguagens: rap, trap, paredão, pagode... E é uma população que tanto é protagonista, que participa da forma de fazer a cultura, quanto é consumidora. Vejo muitas oportunidades para a cena musical, teatral e também para dança.”

Outra hipótese levantada nos debates tem relação com faixa etária, que ajuda sobretudo a explicar os números mais elevados das pessoas autodeclaradas pretas. Na pesquisa, é mais comum os jovens se autodeclararem pretos, ou mesmo pardos. O percentual mais alto de pretos (15%) está na faixa de 25 a 34 anos, uma das que mais vão a atividades culturais. Ao mesmo tempo, a única faixa em que o número de autodeclarados brancos supera a soma de pretos e pardos é a dos idosos: 48% e 43%, respectivamente. Esse é justamente o grupo que menos vai a programas culturais.

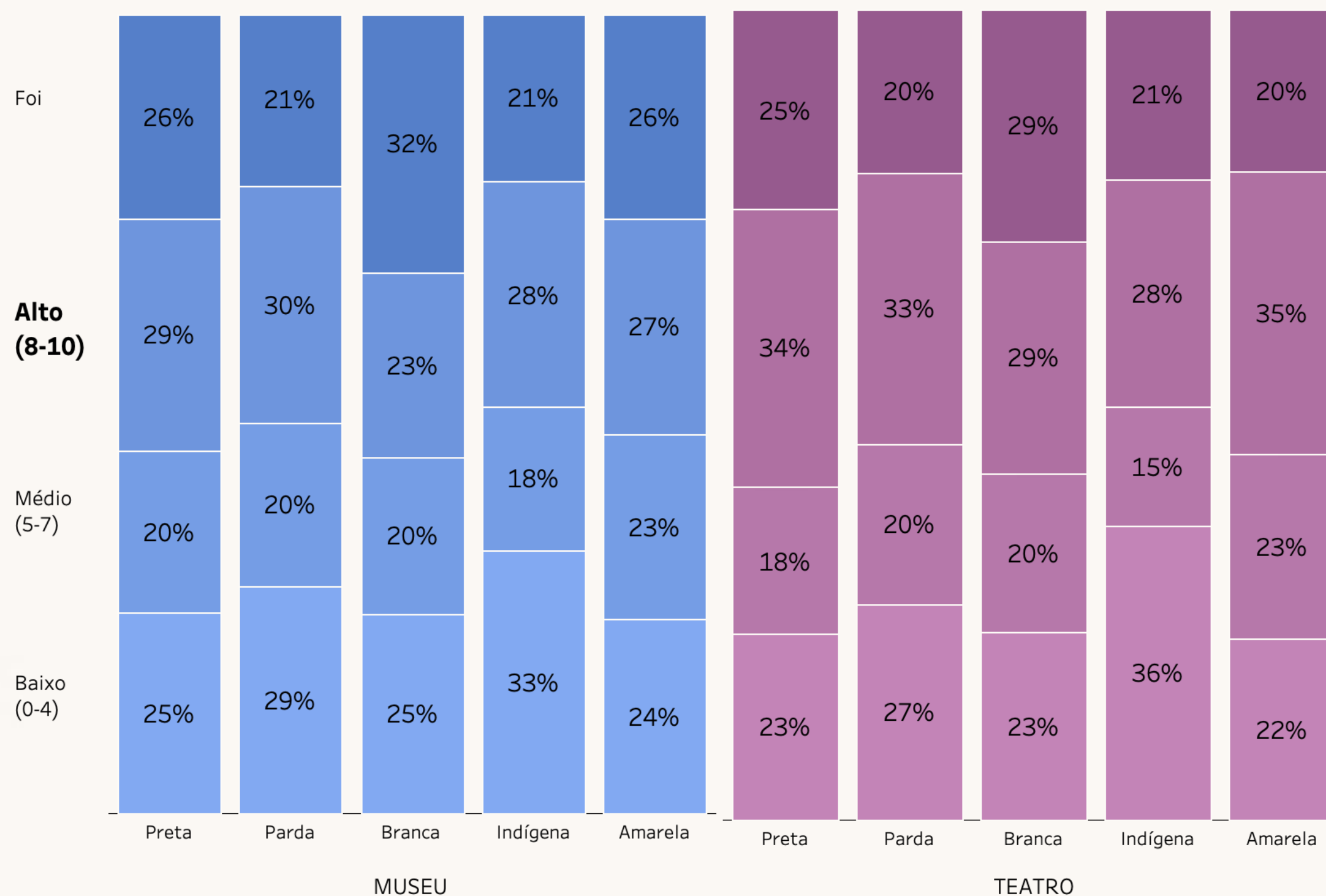
De qualquer forma, há evidências de que as piores condições de vida da população negra afetam a frequência. Um professor de capoeira que esteve na plateia do seminário de João Pessoa observou que, frequentemente, as manifestações mais tipicamente negras recebem menos verba. “O que sobra para os negros? As danças populares, a cultura afro, que muitas vezes estão numa posição intelectual e política rebaixada.”

Além disso, como já dito em seções anteriores, para cinco atividades a pesquisa perguntou o grau de interesse dos entrevistados: ir a shows de música e apresentações musicais, a festas populares, tradicionais ou folclóricas, a museus e exposições, a teatro adulto, infantil, stand-up ou musical e a apresentações ou espetáculos de dança. Em todas elas, os pretos são os que demonstram maior desejo de frequentar, inclusive museus e teatros, áreas em que a presença de brancos é maior.

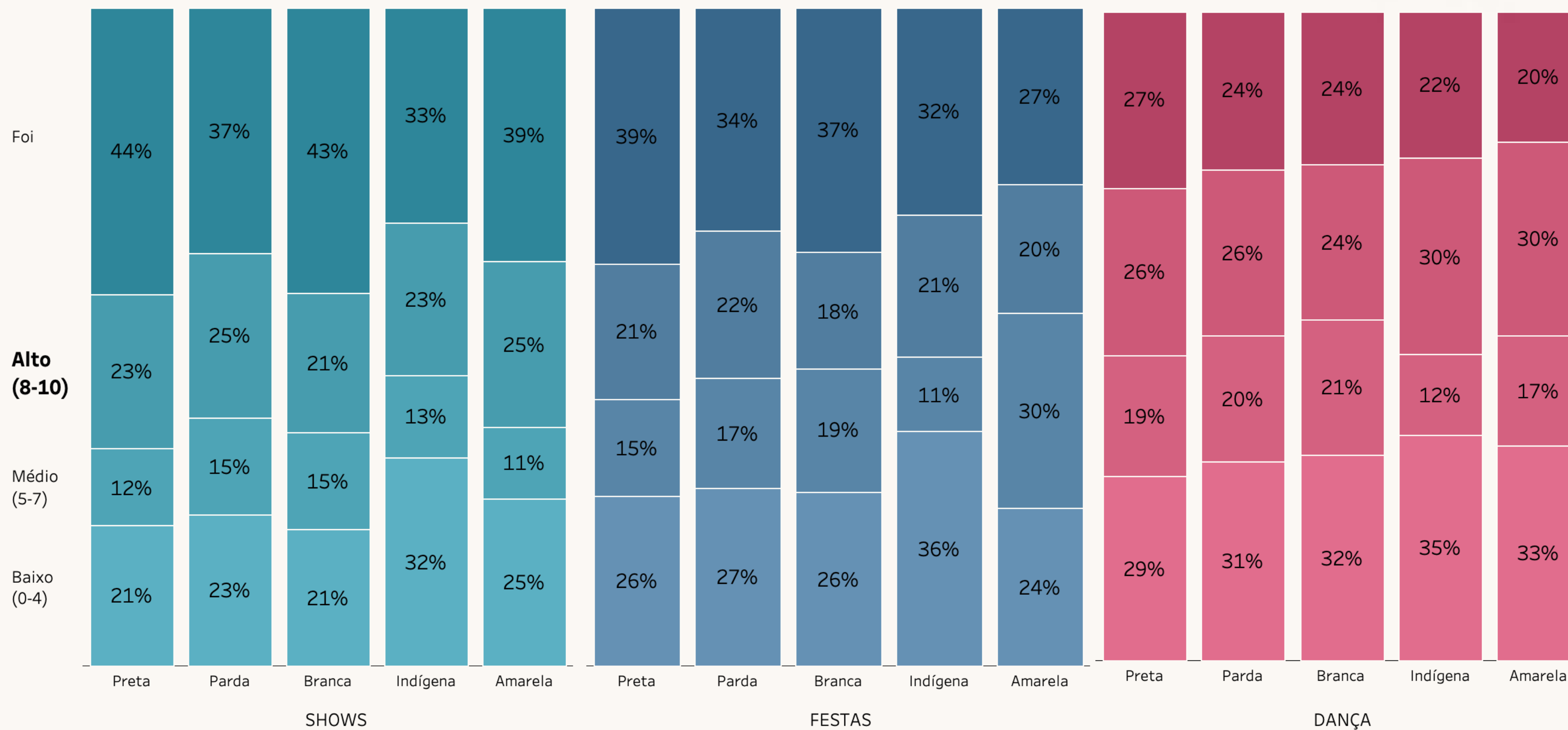
# PÚBLICO POTENCIAL É MENOR ENTRE PESSOAS BRANCAS; AMARELAS SE DESTACAM

## PÚBLICO POTENCIAL

A pesquisa perguntou a todos os entrevistados qual é, de 0 a 10, seu interesse em ir a cada uma das seguintes manifestações: shows de música, festas populares, museus, teatro e dança. Os entrevistados que NÃO FORAM a essas atividades, mas deram nota 8, 9 ou 10 para seu interesse em ir, formam o que está sendo chamado aqui de público potencial.



# PÚBLICO POTENCIAL É MENOR ENTRE PESSOAS BRANCAS; AMARELAS SE DESTACAM



A dificuldade de os negros conseguirem transformar sua intenção em acesso de fato fica clara nos números de público potencial — formado por pessoas que nunca foram às atrações ou não foram no ano anterior à pesquisa, mas mostraram alto interesse em ir (numa escala de 0 a 10, deram notas de 8 a 10 para seu interesse). Se forem somados o grupo que acessou as atividades e o público potencial, os percentuais dos pretos superam ou igualam os dos brancos. Entre os pardos, isso acontece em festas populares e dança, mas em todos os casos o público potencial é maior que entre os brancos, como mostra o Gráfico 11.

### O status dos pardos

A pesquisa sugere alguns comportamentos um tanto distintos entre pretos e pardos. Essa distinção motivou várias discussões nas capitais, principalmente sobre a

identificação dos pardos. No Norte, e em menor frequência no Nordeste, houve participantes que divergiram da prática, muito comum em estudos da área, de juntar pretos e pardos na categoria “negros”.

Como explicou o professor Márcio Farias, da PUC-SP, o movimento negro, ao longo do século 20, apontou que pretos e pardos vivenciavam as mesmas condições sociais — e, a partir dos anos 1980, o Brasil começou a produzir vários dados estatísticos que reforçavam essa avaliação. “Por isso, há essa categoria de análise ‘negros’, que agrega ambos”, disse ele no seminário de São Paulo sobre cor e raça. “As diferenças entre pretos e pardos são muito pontuais. Compõem o mesmo grupo, no limite.”

Em Rio Branco, a jornalista e artista visual Hellen Lirtez disse que o “letramento racial” da região é influenciado pela TV. De modo que “a gente acha que uma pessoa

que é parda e negra aqui no Acre é igual a uma pessoa do Rio de Janeiro, de São Paulo. Mas não é”. Ela se autodescreveu como alguém de cor escura, olhos puxados e cabelo liso. Com esse fenótipo, comentou, ela não é considerada parda no Rio de Janeiro. “Prestei concurso público e não entrei na cota de pardos”. Se pudesse se identificar livremente, ela usaria a expressão “afro-indígena”.

No evento de João Pessoa, o militante indígena Givanildo Manoel da Silva comentou que a expressão “pardo” acaba sendo usada para aqueles grupos sobre os quais não se tem muita explicação. “É preciso qualificar o pardo. Não dá para dizer, como faz o Estatuto da Igualdade Racial, que todo pardo é negro. Há muitos indígenas também.” Em alguns seminários, houve participantes que preferiram trabalhar com duas categorias: brancos e não brancos.

Nos resultados da pesquisa, os percentuais de acesso dos pardos às atividades culturais ora estão mais próximos aos dos pretos, ora aos dos indígenas, ora com distâncias semelhantes. Em leitura de livros, por exemplo, a porcentagem de pretos e pardos é parecida (60% e 59%, respectivamente), enquanto a dos indígenas é bem menor (47%). Já em visita a museus, pardos e indígenas estão no mesmo patamar (21%) e os pretos, um tanto acima (26%).

Ao apontar os estilos musicais que mais ouvem, os pardos são um pouco mais próximos dos indígenas do que dos pretos em boa parte dos casos. Por exemplo: os pardos preferem sertanejo (37%) um pouco mais do que os indígenas (35%), mas bem mais que os pretos (28%). Estes citam pagode (26%) mais do que os outros grupos (20% entre os pardos, 19% entre os indígenas) — algo parecido com o que ocorre em samba (16% entre os pretos, 9% para pardos e indígenas).

### Indígenas e amarelos

*Cultura nas Capitais* mostra que os entrevistados autodeclarados amarelos (pouco menos de 1% do total) destacam-se em ao menos dois aspectos.

- **Grande adesão a modalidades de base tecnológica:** são os que mais vão a cinema e os que mais participam de jogos eletrônicos. São também os que mais ouvem música eletrônica (9%, contra média de 6%) — curiosamente, também os que mais ouvem funk (17%), mais que indígenas (15%), pretos (14%), pardos (12%) e brancos (10%). É o grupo que mais ouve música com fone de ouvido (40%, ante média de 32%) e em celular (87%, um pouco acima da média de 85%).

- **Grande disparidade entre homens e mulheres:** os homens autodeclarados amarelos lideram o acesso a diversas atividades. As mulheres, ao contrário, estão

entre as mais excluídas — a diferença entre os dois segmentos frequentemente supera 20 pontos percentuais. “As mulheres amarelas vivem sob dois patriarcados. Um, o da estrutura familiar das nossas culturas e tradições de origem, do sudeste asiático. Outra, o patriarcado daqui, brasileiro”, afirmou a antropóloga Laís Miwa Higa, no seminário sobre cor/raça organizado em São Paulo. Segundo ela, na tradição de diversos imigrantes que vieram ao Brasil, cabe mais à mulher ficar no ambiente doméstico, cuidar da casa, dos filhos, dos irmãos. “Elas não são muito estimuladas a ler, a ir a atividades culturais.”

Já os indígenas (0,3% dos entrevistados) são o contingente retratado como de menor acesso. Nos debates, as avaliações foram de que o quadro é influenciado por dois fatores. Um, as condições sociais desfavoráveis de grande parte da população indígena urbana. Ela é, por exemplo, a que tem maior percentual de pessoas nas classes D/E (28%, contra média de 17%) e de moradores que estudaram até o ensino fundamental (36%, contra média de 24%).

Outro fator é o limite da pesquisa, das concepções implícitas nas categorias e nas perguntas apresentadas aos entrevistados. “O indígena é a prova dos nove das pesquisas de acesso. Eles vivem o tempo todo na própria cultura (tomando cultura no nosso jargão habitual). E têm baixo acesso a determinados tipos de equipamentos que a gente considera importantes avaliar para política pública”, comentou o pesquisador Frederico Barbosa, do Ipea, no evento de Brasília.

“Em muitas comunidades indígenas, artesanato, dança, envolvimento social e econômico estão muito interligados. São territórios que vivem sua cultura”, reforçou a produtora cultural Jama Wapichana, uma das palestrantes do evento de Boa Vista, capital com maior presença indígena do Brasil. “A forma como vocês vêm cultura não é a mesma que nós vemos”, disse Marcio Boggarim, curador do Museu das Culturas Indígenas, morador da terra indígena Jaraguá, de São Paulo, e um dos palestrantes do seminário sobre cor e raça. “Cultura para nós é o território, é a forma de vida de cada povo, é vivida no dia a dia: palavra é cultura, nossa língua é cultura, nosso modo de vida, nossas atitudes.”

Boggarim defendeu políticas públicas que possibilitem que as famílias indígenas vão a espaços culturais como museus, unidades do Sesc e outros equipamentos. “Não temos políticas de educação, de acesso, que garantam que a gente possa usufruir desses espaços.”

# 7. Cultura e Diferenças Regionais

Ao mapear os hábitos culturais de todas as capitais brasileiras, a pesquisa captou ao menos dois tipos de diferenças. Uma, a de acesso: em quais regiões e em quais cidades os moradores vão mais a certos tipos de programação, em quais vão menos. Outra, a de gostos ou práticas culturais: os estilos de música preferidos, as festas mais frequentadas, os tipos de manifestações predominantes. Ou seja, a desigualdade e a diversidade.

Grande parte da desigualdade de acesso está ligada a fatores sociais, como escolaridade e renda. Em vários casos a frequência é maior em capitais do Sul e do Sudeste, as regiões onde mais pessoas têm

ensino superior. Florianópolis e Vitória, as duas cidades que estão iguais ou acima da média das capitais em todas as 14 atividades pesquisadas, são justamente as mais escolarizadas.

“Os resultados no Sul e no Sudeste são melhores porque as condições sociais são melhores. No Norte e no Nordeste, piores”, afirmou a secretária de Cultura de Natal, Iracy Azevedo, no debate realizado na capital potiguar. “Isso é decorrência não só da falta de incentivo da iniciativa privada, mas da inexistência de bons empregos e de dificuldades que a gente sempre viveu.”

Com frequência, as dificuldades financeiras e educacionais são acompanhadas de outras, frutos das mesmas desigualdades que forjaram a história do Brasil. Na apresentação em Belém, a secretária de Cultura do Pará, Úrsula Vidal, colocou foco nas políticas setoriais. “A região Norte, Centro-Oeste e um pouco do Nordeste sempre se ressentiram da falta de fomento regular. Nossa batalha política é garantir uma distribuição maior. Quando se concentra política pública no Sul e no Sudeste, acontece o que a pesquisa mostra: muito mais acesso no Sul e no Sudeste”, criticou. “No Sul e no Sudeste, que acessam muitas das políticas públicas baseadas no fomento, a profissionalização da cultura se deu já há algum tempo. Aqui, ainda fazemos na raça, na dor, na informalidade”.

A carência de recursos tem vários impactos. No debate em Rio Branco, a servidora Elane Cristina, da Fundação de Cultura Elias Mansour, relatou as mudanças de horário de funcionamento da principal biblioteca do Acre, mantida pela Fundação. O horário de fechamento, originalmente 21h, foi adiantado para 14h, depois revisto para 17h. “O efeito foi grande. Muita gente que estudava para concursos usava a biblioteca à noite. Só que Fundação nunca teve concurso público — os servidores públicos ou são cedidos por outras secretarias ou são cargos em comissão, terceirizados e estagiários. Não há como manter espaços abertos por longo período.”

Aos recursos escassos somam-se custos frequentemente maiores em algumas regiões. “Fazer cultura no Brasil é difícil. Fazer cultura na

região Norte é um pouco mais difícil, em razão do fator amazônico”, disse o secretário da Juventude, Cultura, Esporte e Lazer de Rondônia, Paulo Higo, no debate em Porto Velho. “A distância em relação aos grandes centros, as dificuldades de acessar alguns meios, as passagens aéreas cada vez mais caras tornam difícil trazer determinadas produções culturais”, afirmou. “Por mais que haja incentivo público, que cresceu nos últimos anos, os custos são muito altos.”

O secretário-adjunto de Cultura de Mato Grosso, Jan Moura, chamou atenção para desigualdades de poder simbólico. “Há um aspecto colonial, histórico. A gente olha muito para as grandes capitais: é o livro que vem de São Paulo, é o cinema que vem de São Paulo, é o museu de São Paulo... As elites de Cuiabá falavam em ‘tomar um

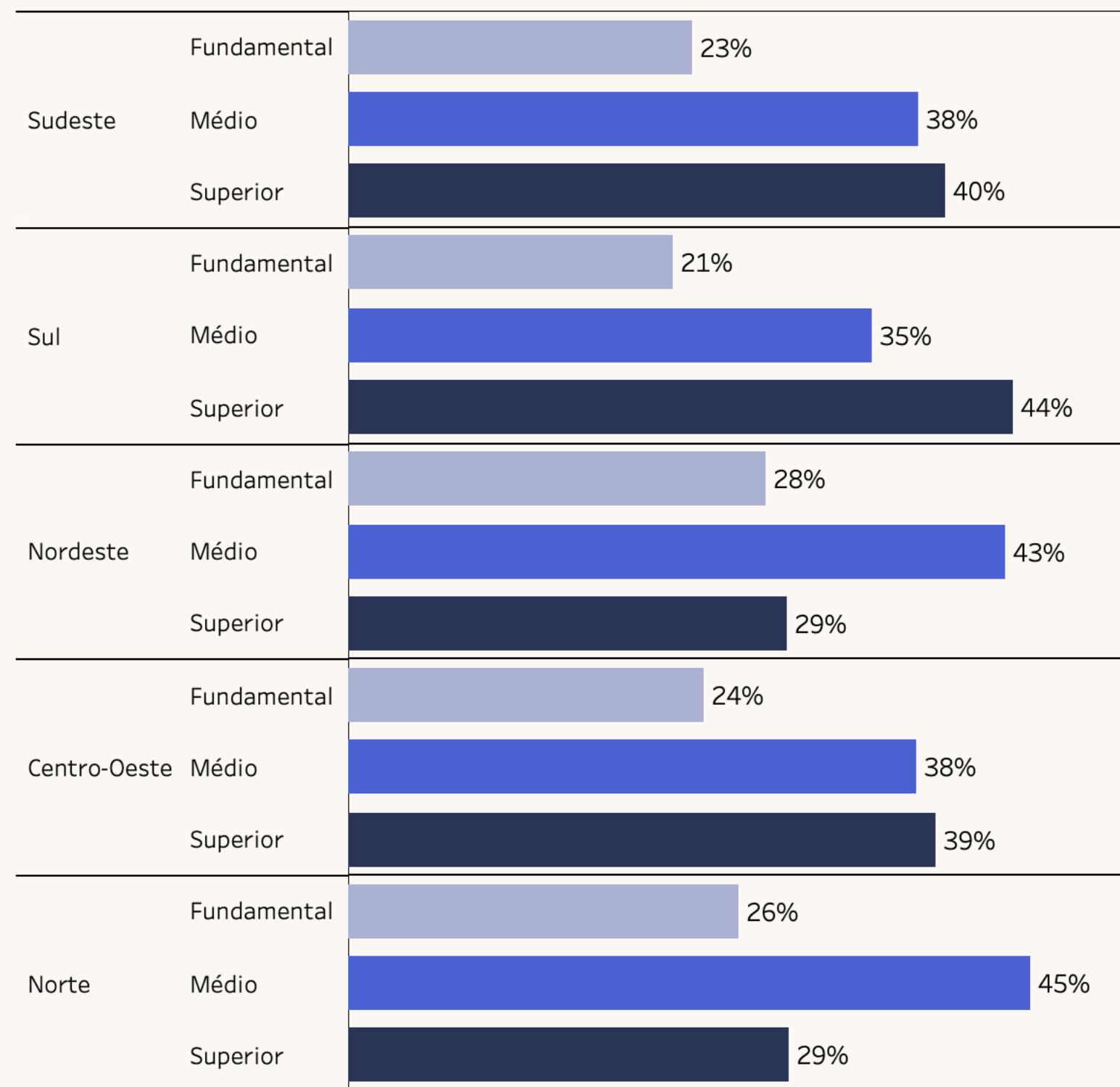
banho de cultura no Rio de Janeiro’. Mesmo tendo oferta em Cuiabá, as pessoas muitas vezes não conhecem — há museus que elas não sabem que existem”, comparou.

De qualquer forma, dinâmicas históricas, sociais e identitárias podem subverter a lógica de que piores condições socioeconômicas ou disparidades de poder simbólico impliquem piores níveis de acesso. Belém é um dos exemplos. Ainda que esteja entre as capitais com menor proporção de pessoas das classes A e B, exhibe percentuais de acesso quase sempre acima da média. A participação dos moradores em museus e feiras de livros está entre as maiores captadas na pesquisa (35% nos dois casos, contra média de 27% e 21%, respectivamente).

GRÁFICO 12

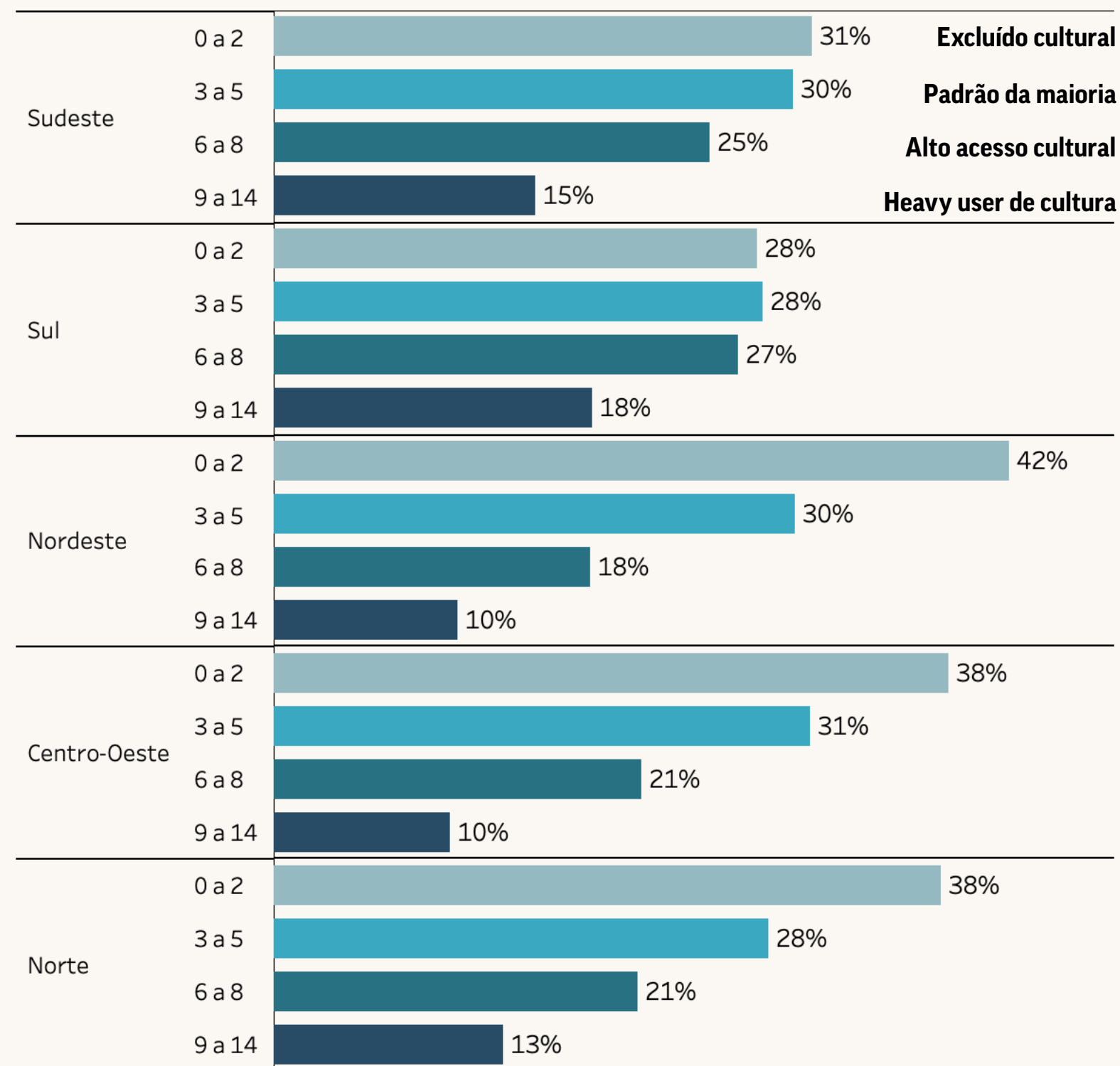
## CAPITAIS DO SUL E DO SUDESTE SÃO AS MAIS ESCOLARIZADAS...

Nível de escolaridade dos entrevistados, por região, em %



## ...E AS QUE LIDERAM EM ACESSO

Quantidade de atividades feitas pelos entrevistados, por região



Essa subversão ocorre de maneira destacada em outras duas capitais do Norte: Manaus e Macapá. Na primeira, os números de dança e concertos estão entre os melhores. “A universidade tem recebido muitas pessoas da periferia, principalmente em cursos de dança e hip-hop”, disse o educador e gestor cultural João Fernandes, em sua participação no debate da cidade amazonense. “Essas pessoas vão à universidade e voltam para seus bairros movimentando a cadeia da cultura. É um processo que levou mais gente a se formalizar e pulverizou as festas, em que as danças estão fortemente presentes”, explicou. “Muitas quadrilhas folclóricas, por exemplo, contratam diversos profissionais, como coreógrafos.”

Na capital do Amapá, o pesquisador da JLeiva Ricardo Meirelles indicou que os resultados ficam abaixo da média em manifestações culturais que pouco dialogam com a cultura local, como cinema (40%, contra média de 48%).

No entanto, as áreas fortemente ligadas às tradições regionais se destacam, como shows de música (46%, contra média de 41%), festas populares (40%, contra média de 36%) e dança (30%, contra média de 24%). Mesmo museu, uma atividade em que escolaridade tem forte influência, tem bom índice em Macapá (27%, o mesmo da média das capitais), provavelmente em razão da atuação do Sacaca, que tem foco em temas científicos e indígenas.

### **Desigualdades internas**

Os exemplos de Belém, Manaus e Macapá demonstram como é preciso afirmar que Sul e Sudeste, genericamente, têm maiores índices de acesso. E mesmo dentro de cada capital há diferenças importantes — afinal, as desigualdades de renda, de escolaridade, de gênero, de cor/raça se manifestam em todos os municípios. Nos dois com maior amostra, São Paulo e

Rio de Janeiro, o levantamento da JLeiva aponta que, quase sempre, as regiões mais afastadas do centro são as mais excluídas.

“Há muita oferta gratuita, mas boa parte da população não frequenta. É a desigualdade social, que a cultura também reflete”, observou o diretor do Sistema Nacional de Cultura do Ministério da Cultura, Júnior Afro, no debate do Recife. “Não se pode trabalhar políticas culturais sem considerar que existem fossos de gênero e raça neste país”, completou. Mas a realidade tem mostrado que, se considerarmos esses fossos, as políticas têm sido insuficientes para superá-los. “Nossa cultura não chega na ponta. Nossa força-tarefa é que teatro, dança, cheguem à periferia, aos autores de cultura invisíveis, ao dançarino que não tem oportunidade, ao artista plástico que não tem oportunidade”, disse a secretária de Cultura de Natal, Iracy Azevedo.

Ainda que cada localidade enfrente dificuldades próprias — equipamentos importantes que estão fechados ou sendo reformados há anos, descontinuidade de políticas para o setor, dinâmicas urbanas específicas —, há desafios comuns. Como se tratou de uma pesquisa feita em capitais, na grande maioria foram mencionados problemas de concentração de equipamentos em áreas centrais e sistema de transporte falho.

“Brasília é muito segregada. As questões de mobilidade são bem cruciais aqui. As distâncias são longas, as regiões administrativas são afastadas. Temos uma densidade de equipamentos culturais muito concentrada no Plano Piloto, com dificuldade de acesso”, observou a subsecretária de Gestão Estratégica do MinC, Letícia Schwarz, no debate na capital federal. “No transporte público, há grande dificuldade de as pessoas chegarem aos lugares e voltarem. E há também medo, por razões de segurança pública. O deslocamento

obrigatório para consumir cultura está completamente ultrapassado”, disse o presidente da Fundação Gregório de Mattos, Fernando Guerreiro, na conversa em Salvador. “Cabe ao poder público oferecer opções nas diversas regiões da cidade.”

A produtora cultural Anna Rodrigues traçou quadro semelhante ao comentar a cena teatral de Maceió — município pesquisado onde mais gente diz que pagou para ir ao teatro. “Temos poucos teatros, normalmente públicos ou do Sistema S, normalmente no Centro — mas não tem nas periferias. Os grupos penam para ensaiar, imaginem para se apresentar. É muito difícil ter temporada. E as apresentações são quase sempre durante a semana, o que é outro dificultador.”

“A gente ainda não consegue ser acessível a todas as camadas da população. Em Goiânia, os espaços culturais são muito centralizados, há problemas de transporte”, ecoou a produtora teatral Marci Dorneles,

durante a apresentação na capital de Goiás. Em muitas cidades, foram mencionadas as restrições de horário no transporte público, que tornam mais difícil o retorno em atividades noturnas.

Superar as diversas barreiras requer rever algumas políticas para a área cultural, avaliou a produtora de dança Marina Coura, de Florianópolis. “As leis de incentivo são uma renúncia fiscal, mas acabam caindo na mão do mercado. Como a gestão do Estado pode prover diversidade efetiva, ampliar o acesso a todos?”, questionou.

Para Jan Moura, secretário-adjunto de Cultura de Mato Grosso, é preciso “naturalizar o acesso: as pessoas precisam ver a cultura como um direito”. No debate em Vitória, a coordenadora do escritório do MinC no Espírito Santo, Nieve Matos, sublinhou a necessidade de trabalhar em rede, com

iniciativa privada, poder público e produtores. “Um edital não resolve. O indivíduo não vai mudar de hábito de repente, acordar um dia e dizer: vou ao teatro. Precisamos de iniciativas públicas trabalhadas em rede”, propôs.

O produtor cultural Pablo Lopes, na apresentação em Goiânia, recomendou “fugir um pouco da ideia de fazer ações para ‘levar’ cultura para determinado lugar”. A prática no Brasil e na América Latina mostra que “as comunidades já estão produzindo — como indicam as experiências dos pontos de cultura, geração de economia da cultura de base comunitária”.

### **Diversidade cultural**

O comentário de Pablo Lopes lembra que é preciso cuidado para não tomar baixo acesso como sinônimo de deserto cultural. O

levantamento se concentra em 14 atividades, e deixa de fora manifestações importantes — como feiras de artesanato, para citar uma que estava na pesquisa de 2017 e não entrou na de 2024, decisão criticada em vários seminários. “A cultura é formada também por práticas mais difusas, em espaços abertos, que pesquisas desse tipo podem ter mais dificuldade em captar muito bem”, ponderou o pesquisador Frederico Barbosa, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), no evento de Brasília. Observações semelhantes foram feitas nas discussões em Salvador, Recife, Boa Vista e Belém.

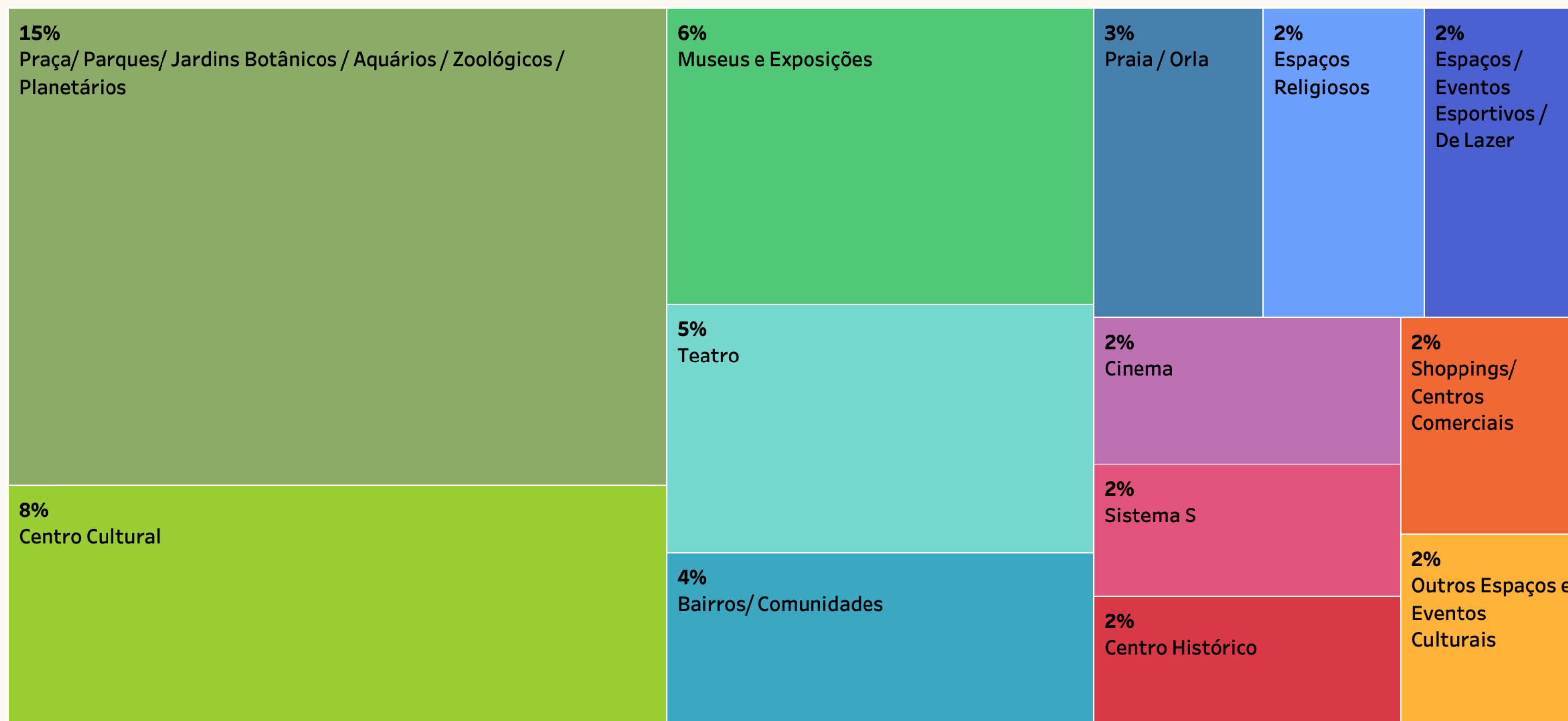
Grande parte dessa diversidade apareceu em perguntas abertas feitas por *Cultura nas Capitais*. Numa delas, pedia-se aos entrevistados que apontassem qual o espaço cultural que mais frequentam em sua cidade. Muitos citaram espaços tradicionais, como museus,

centros culturais, teatros, cinemas e casas de shows. Mas os mais citados foram praças e parques — isso ocorreu tanto em São Paulo quanto em Boa Vista, por exemplo. E vários outros espaços abertos, como praias, bairros, comunidades, centros históricos, ruas, avenidas, ciclovias... Em grande parte dos municípios, aparecem menções a estádios, pistas de skate, academia de ginástica, ginásios, espaços religiosos (igrejas, terreiros)... E ainda ranchos de pesca, shoppings, escolas e universidades, feiras, postos de saúde, centros sociais.

“Trabalho há 26 anos com cultura. O principal que aprendi é que a diversidade cultural é o maior ingrediente para a sustentabilidade. Quanto mais diversidade cultural, mais sustentável a arte será”, declarou o coordenador técnico do Iphan em Goiânia, Décio Coutinho.

# ESPAÇOS MAIS FREQUENTADOS EVIDENCIAM IMPORTÂNCIA DAS ÁREAS PÚBLICAS PARA A CULTURA

Categorias de espaços culturais mais citados pelos entrevistados em todas as capitais



## CULTURA E DIFERENÇAS REGIONAIS

As manifestações mais destacadas nos debates foram as festas populares. Tanto no sentido de retratarem melhor a diversidade regional quanto de relativizarem o impacto das desigualdades sociais no fazer cultural. Como sublinhou Gabriel Gutierrez, diretor do Centro Cultural Vale Maranhão, em São Luís, “não se vai à festa, simplesmente: se cria a festa.”

“Danças e festas populares se saem melhor, por envolverem pertencimento, por estarem próximas da realidade das pessoas”, disse a produtora Marci Dorneles, também na apresentação de Goiânia. Coutinho destacou, por exemplo, que lá as festas juninas acontecem mesmo em igrejas evangélicas — a diferença é que o nome da festa muda para “arraial” e o do cachorro-quente, para “cachorro-crente”.

“As festas populares são o que fortalecem nossa cultura regional”,

comentou a produtora cultural Lindisey Catarina de Sá, de Campo Grande. “As festas juninas envolvem a coletividade. Não só nas apresentações, mas também nas feiras, no artesanato”, destacou, em Teresina, o santeiro Mestre Dim. “Aqui temos festas juninas, julinas e agostinas”, complementou a produtora Bid Lima, também de Teresina. “E elas acontecem também nas escolas e dentro de casa: todo mundo faz festa junina.”

Percepções iguais foram relatadas em outros lugares. “A quadra junina não precisa de um espaço fechado, de um sambódromo. Ela acontece em toda escola, da periferia ao centro, toda ruazinha, do bairro mais nobre à periferia. É muito capilarizada”, disse o gestor cultural Josimar Barros, de Macapá.

Gabriel Gutierrez, do Centro Cultural Vale Maranhão, foi um dos que mais celebraram a potência

da cultura de base comunitária, que ele contrapôs ao que chama de “cultura institucional, aquela produzida nos lugares de poder: universidades, centros culturais, museus...”

“Nas capitais do Sul e do Sudeste, as linguagens institucionais estão a todo vapor. Mas, ao adotarem essa rota, perderam a autonomia de produzir cultura transversal, o que é muito triste. O Nordeste e o Norte, com suas heranças afro-indígenas, conseguem produzir cultura transversal, aquela que envolve economia, comida, vestimenta, gesto, a forma de andar, a forma de ocupar a cidade. O Nordeste e o Norte têm a faca e o queijo na mão para reinventar a cultura”.

# 8. Os Desafios da Comunicação

Em praticamente todos os seminários de apresentação de *Cultura nas Capitais*, gestores públicos e produtores se referiram à dificuldade de comunicar aos consumidores peças que estão em cartaz, exposições que estrearam ou shows que já estão programados. Em nenhuma rodada anterior de debates organizados pela JLeiva o tema havia aparecido com tanta força. Na divulgação dos levantamentos de 2014 e 2017, por exemplo, o assunto aparecia de forma secundária.

“Muita gente está excluída da cultura por não saber: não saber que existe programação, inclusive

gratuita, não saber que pode participar”, comentou a secretária de Cultura de Belo Horizonte, Eliane Parreiras, durante o lançamento da pesquisa na capital mineira. “Temos uma cultura pujante, mas ainda não temos preocupação de que chegue à população. Há barreiras, como a comunicação”, ecoou de Aracaju o secretário-executivo de Cultura de Sergipe, Irineu Fontes.

Curiosamente, contudo, esta foi a primeira pesquisa a apontar um meio majoritário de busca de informações: a maioria da população as procura nas redes sociais. Como

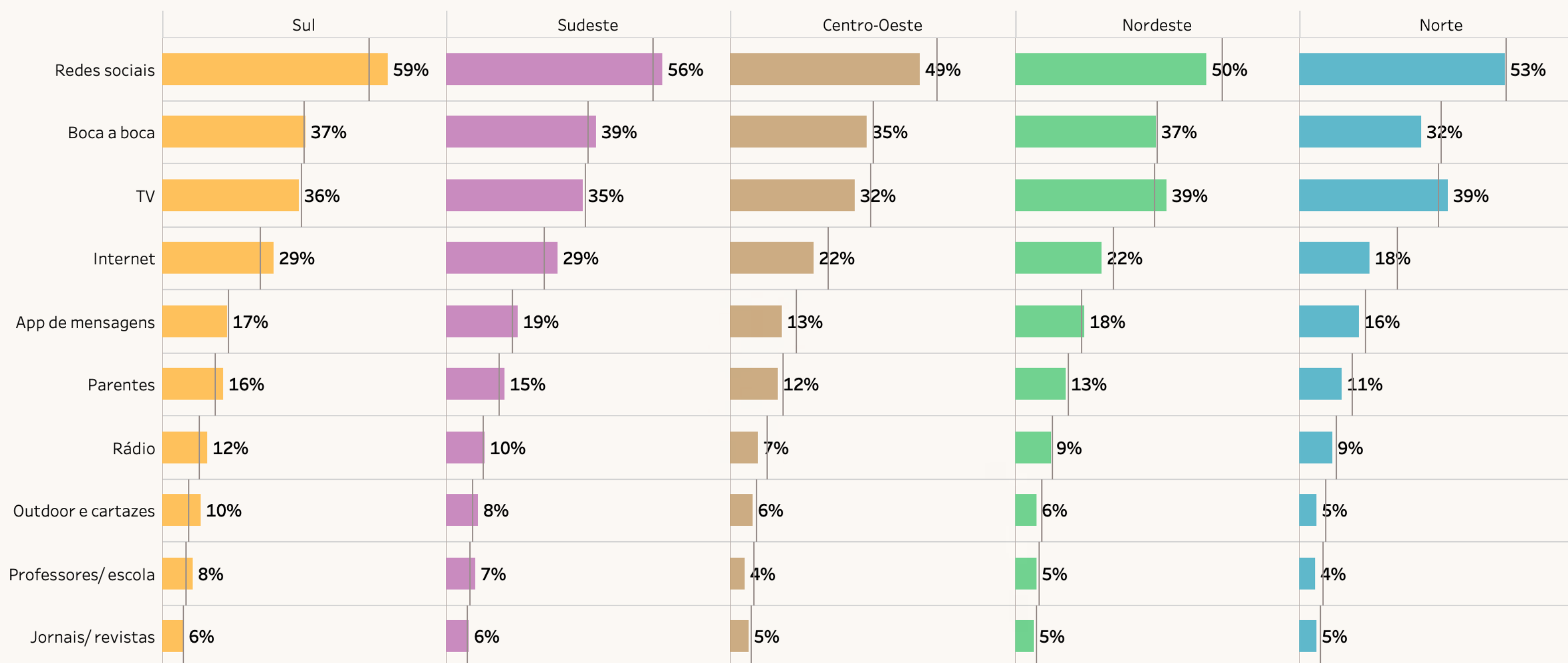
mostra o Gráfico 14, isso ocorre em todas as regiões (um pouco menos no Centro-Oeste, 49%) e em praticamente todos os grupos socioeconômicos; apenas nos grupos mais excluídos a TV supera em importância: idosos, pessoas com ensino fundamental e da classe D/E.

O domínio das redes sociais vem crescendo já há algum tempo, como se sabe. Uma comparação entre os resultados de São Paulo — cidade onde a JLeiva fez pesquisa em 2014, 2017 e 2024 — deixa isso claro, como evidencia o Gráfico 15.

## EM TODAS AS REGIÕES, MAIORIA USA REDES SOCIAIS PARA SE INFORMAR SOBRE CULTURA

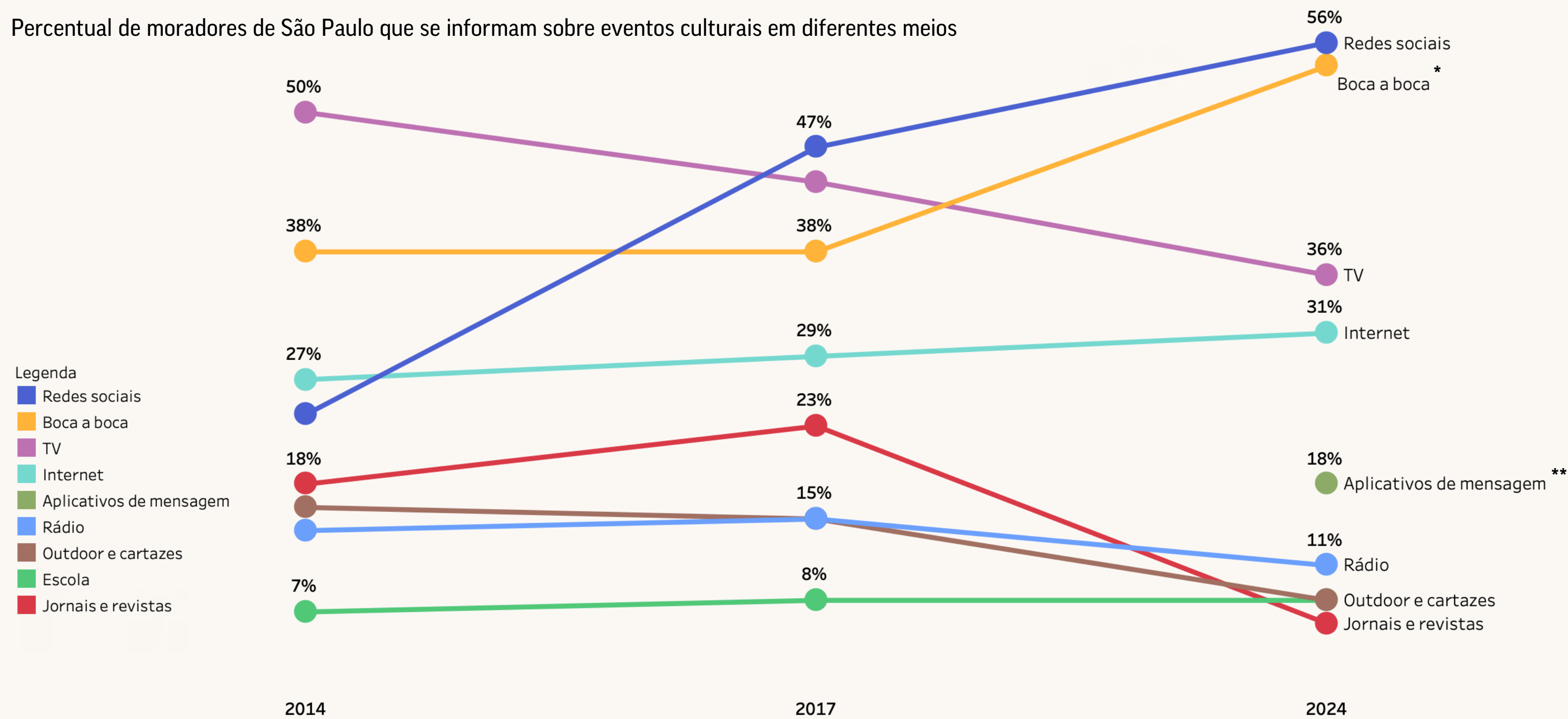
Percentual de pessoas que se informam por diferentes meios, por região

Legenda: — média da atividade



# PARCELA DE PAULISTANOS QUE SE INFORMAM VIA REDES SOCIAIS MAIS DO QUE DOBROU

Percentual de moradores de São Paulo que se informam sobre eventos culturais em diferentes meios



\*Em 2024, indicação de amigos e indicação de parentes/companheiro foram apresentadas separadamente, o que pode explicar a diferença em relação aos anos anteriores. O percentual de Indicação de amigos, separadamente, é 38%  
 \*\*Alternativa só apresentada em 2024

A transformação das mídias no período significou, portanto, a perda de importância de um meio em que a cultura tem dificuldade de entrar, a TV — apenas grandes produções ou grandes espaços culturais costumam ter peso suficiente para emplacar matérias nos telejornais. Em contrapartida, ganhou importância um meio em tese menos custoso, as redes sociais. Mas as reclamações sobre dificuldade de chegar ao público aumentaram. Por quê?

Grande parte das razões está na própria dinâmica das redes. Inúmeros participantes dos eventos de lançamento de *Cultura nas Capitais* apontaram que redes sociais pulverizam a informação. Como disse uma produtora na plateia em Curitiba, “é preciso entrar em cada canal para descobrir a programação cultural. Não existe mais um guia onde seja possível encontrar tudo”.

“Os guias impressos eram uma referência. Depois deles, não encontramos mais um caminho”, disse o curador de teatros da Secretaria de Cultura da Cidade de São Paulo, Júlio César Dória, no debate específico sobre artes cênicas realizado na capital paulistana. “Comunicar para pessoas de qualquer idade é um desafio. Para os idosos, então...”, acrescentou. “Os impressos perderam poder, perderam tiragem. Os veículos se pulverizaram. Tudo virou comunicação de nicho”, complementou no mesmo evento o dramaturgo, palhaço e diretor de teatro Hugo Possolo.

Em Porto Alegre, um produtor cultural lembrou que as redes sociais não são propícias para guardar informação organizada — por exemplo: nome, dia, horário e endereço de uma peça. Depois que se viu um post, nem sempre é fácil reencontrá-lo — ele se misturou, no feed, a outras notícias, à selfie

do primo na praia, à foto do gato da tia, ao meme repassado pelo irmão.

No Recife, uma agente cultural destacou que a lógica das redes também torna quase inviável furar a bolha. Se um espaço cultural patrocina um post, provavelmente vai direcioná-lo a quem já curte assuntos relacionados, deixando de lado novos públicos.

Em Manaus, um servidor da secretaria de Cultura destacou que o avanço das redes sociais teve um efeito colateral que representa mais uma barreira para as produções artísticas: os veículos tradicionais perderam força e pessoal. É mais difícil convencer um jornalista a sair da redação e cobrir uma atração cultural. “As redações estão esvaziadas”, lamentou.